

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-graduação em Letras

Nathalya Bezerra Ribeiro

TRADUZINDO *LE DITIÉ DE JEANNE D'ARC* DE CHRISTINE DE PIZAN: UMA PONTE
PARA O RESGATE DE OBRAS DE AUTORIA FEMININA NA BAIXA IDADE MÉDIA

João Pessoa

2016

Nathalya Bezerra Ribeiro

TRADUZINDO *LE DITIÉ DE JEANNE D'ARC* DE CHRISTINE DE PIZAN: UMA PONTE
PARA O RESGATE DE OBRAS DE AUTORIA FEMININA NA BAIXA IDADE MÉDIA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne.

Co-orientadora: Prof.^a Dra. Ana Cristina Bezerril Cardoso.

João Pessoa

2016

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-graduação em Letras

Dissertação intitulada *Traduzindo Le ditié de Jeanne D’Arc de Christine de Pizan: uma ponte para o resgate de obras de autoria feminina na Baixa Idade Média*, de autoria da mestranda Nathalya Bezerra Ribeiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelas seguintes professoras:

Prof.^a Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne
Orientadora – UFPB

Prof.^a Dra. Ana Cristina Bezerril Cardoso
Co-orientadora – UFPB

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Membro Interno – UFPB

Prof.^a Dra. Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros
Membro Externo - UFPB

João Pessoa, 22 de julho de 2016

Às guerreiras da minha vida: Maria do Carmo,
Rejaneide Bezerra, Rosicleide Moraes e Rita
Moraes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer às professoras Luciana Calado Deplagne e Ana Cristina Cardoso pelas orientações, apoio e dedicação para a realização desse trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter me concedido uma bolsa de estudos que contribuiu de forma direta com a minha pesquisa. Às amigas Mayara Maia e Luana Lima por me apoiarem nessa empreitada. Aos meus pais e sogros que me ajudaram durante esse percurso. E em especial a Carlisson Moraes de Oliveira, que esteve ao meu lado sendo o meu porto seguro durante todos os momentos de escrita desse trabalho.

Que não seja considerada loucura, arrogância ou presunção de minha parte, eu, mulher, ousar repreender e me opor a um autor tão sutil, quando ele, apenas homem, ousa difamar e cobrir de infâmia todo um sexo.

Christine de Pizan

RESUMO

O objetivo principal desse trabalho é a realização de uma tradução para a língua portuguesa do poema *Le Ditié de Jehanne d'Arc* de Christine de Pizan. O poema escrito em 1429 traz os feitos heroicos de Joana d'Arc na Guerra dos Cem Anos, desde o momento em que ela se encontra com o rei Charles VII na cidade de Chinon até a libertação da cidade de Orleães do poder inglês. O trabalho está dividido em três partes. Primeiramente, fizemos um capítulo panorâmico, com o intuito de contextualizar a Idade Média em que Christine de Pizan e Joana d'Arc viveram. Também abordamos as motivações e consequências da Guerra dos Cem Anos, momento histórico em que se passa o poema de Pizan. Fechamos o capítulo abordando a vida e obra da autora Christine de Pizan, bem como a vida e os feitos de Joana d'Arc. No capítulo seguinte vemos como a história literária tradicional silenciou o discurso feminino, e como os Estudos de Gênero e os Estudos Feministas contribuíram para os trabalhos a cerca de obras escritas por mulheres ao longo da história. Neste capítulo, também vemos como os Estudos da Tradução contribuem para o resgate de obras escritas por mulheres, sobretudo as obras medievais, contribuindo para a crítica literária. No último capítulo, analisamos a estrutura do poema *Le Ditié de Jehanne d'Arc* defendendo a sua epicidade. Em seguida apresentamos a nossa tradução para a língua portuguesa do poema e depois as nossas justificativas tradutórias. Para as nossas justificativas tradutórias, nos apoiamos no conceito de Itens Culturais-Específicos (ICEs) trazidos por Javier Franco Aixelá, e nos trabalhos de Antoine Berman, Rosvitha Blume e Patrícia Peterle.

Palavras-chave: Christine de Pizan. Joana d'Arc. Tradução. Resgate.

RÉSUMÉ

L'objectif principal de ce travail est la réalisation d'une traduction en portugais du poème *Le Ditié de Jehanne d'Arc* de Christine Pizan. Il s'agit d'un poème écrit en 1429 sur les actes héroïques de Jeanne d'Arc pendant la guerre de Cent Ans, à partir du moment où elle rencontre le roi *Charles VII* dans la ville de Chinon jusqu'à la libération de la ville de Orléans du pouvoir anglais. Le travail est divisé en trois parties. Tout d'abord il y a un chapitre panoramique, afin de contextualiser le Moyen Âge dans lequel Christine de Pizan et Jeanne d'Arc ont vécu. Nous discutons les motivations et les conséquences de la guerre de Cent Ans, le moment historique où se passe le poème de Pizan. Nous finissons le chapitre abordant la vie et le travail de l'auteur Christine de Pizan, ainsi que la vie et les actes de la Pucelle. Ensuite, au troisième chapitre, nous voyons comment l'histoire littéraire traditionnelle a réduit au silence le discours féminin, et comment les Études de Genre et les Études Féministes ont contribué aux travaux sur les ouvrages écrits par des femmes à travers l'histoire. Dans ce chapitre, nous analysons la façon dont la Traductologie contribue à la récupération des œuvres écrites par des femmes, en particulier les œuvres médiévales, contribuant ainsi à la critique littéraire. Au dernier chapitre, nous analysons la structure du poème *Le Ditié de Jehanne d'Arc* en tant que poème épique. Pour terminer, nous présentons notre traduction en langue portugaise du poème et nos justificatifs de traduction. Pour cela faire, nous nous appuyons nos aux Eléments Spécifiques à une Culture (ESC) apportés par Javier Franco Aixela et les œuvres d'Antoine Berman, Rosvitha Blume et Patrícia Peterle.

Mots-Clés : Christine de Pizan. Jeanne d'Arc. Traduction. Récupération.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Destaque de página do manuscrito <i>Les Vigiles de Charles VII</i>	23
FIGURA 2 – Página do processo de Joana d’Arc	24
FIGURA 3 – Destaque de página do manuscrito <i>Les Vigiles de Charles VII</i>	26
FIGURA 4 – Página do manuscrito <i>A cidade das Damas</i>	31
QUADRO 1 – Lista das obras de Christine de Pizan que foram traduzidas, seus idiomas -alvos e seus tradutores.....	45
QUADRO 2 – Trabalhos realizados a partir das traduções das obras de Christine Pizan. acadêmicos .	48
QUADRO 3 – Nomes de nascimento, apelidos, países e cidades	79
QUADRO 4 – Aspectos e expressões culturais do medievo francês	82
QUADRO 5 – O sentido em detrimento à literalidade	83
QUADRO 6 – Marcas textuais que caracterizam a voz da autora	83
QUADRO 7 – A ausência de <i>enjambement</i> na tradução em língua portuguesa	84
QUADRO 8 – A presença de <i>enjambement</i> na tradução em língua portuguesa	86

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A CONDIÇÃO FEMININA NA IDADE MÉDIA DE CHRISTINE DE PIZAN E DE JOANA D'ARC	13
2.1	A GUERRA DOS CEM ANOS: AS BATALHAS DA DONZELA ELEITA	16
2.2	JOANA D'ARC: SÍMBOLO DE LUTA E RESISTÊNCIA	19
2.3	CHRISTINE DE PIZAN: UMA FEMINISTA <i>AVANT LA LETTRE</i>	28
3	HISTÓRIA DA ESCRITA DAS MULHERES: VOZES FEMININAS REVISITADAS	34
3.1	A TRADUÇÃO COMO RESGATE DAS OBRAS DE AUTORIA FEMININA	40
4	“O <i>DITIÉ</i> DE JOANA D'ARC”: UM ÉPICO FEMININO	51
4.1	TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE O <i>DITIÉ</i> DE JOANA D'ARC	56
4.2	ANÁLISE E COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO	77
5	CONCLUSÃO	88
	REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

A Idade Média é um período comumente conhecido como a Idade das Trevas, um período de perseguições e de pouco desenvolvimento artístico. Diferente do que fomos ensinados, a Idade Média possui uma vasta riqueza em diferentes campos artísticos. Sua literatura, sua dança, entre outras coisas nos influenciam até hoje. O seu sistema político vigente era o feudalismo e a Igreja desempenhava um papel central na sociedade da época, pois era com o apoio dela que a monarquia se formava e se firmava. A educação estava sob o controle da Igreja e restrita a uma parte da nobreza. Dentro deste quadro educacional, como em outros aspectos da época, as mulheres não gozavam dos mesmos direitos que os homens, não lhe cabiam os estudos, a vida pública, mas o cuidado do lar, o privado.

Dentro deste contexto de poder da Igreja Católica, de exclusão da mulher da vida pública e da autogestão de seus bens, incluindo a impossibilidade de adentrar na academia, surge a pergunta: existiram mulheres que produziram na Idade Média? A história nos mostra que apesar da opressão que as mulheres sofriam pelo sistema patriarcal da época, elas produziram. Elas eram lidas, discutidas e suas ideias serviram de inspiração para diversos campos do pensamento atual. Christine de Pizan é um exemplo de uma intelectual medieval. Poeta e filósofa de origem italiana, mas naturalizada francesa. Escreveu poemas, tratados e uma biografia Real. Após a morte do marido, sem herança do mesmo e com três filhos, se viu obrigada a tomar a frente da direção da família fazendo uso do seu conhecimento das Letras. Herdeira do estilo lírico cortês, Christine de Pizan soube expressar em suas obras toda sua experiência e vivência, apoiando o seu sexo e escrevendo várias obras em resposta aos discursos misóginos defendidos na época.

A literatura serve, dentre outras coisas, para propagar ideias e percepções de mundo. Sendo influenciada, também, pelos valores dos dominantes, a história literária ainda é um ambiente predominantemente masculino, não vemos com facilidade os discursos das mulheres nos livros, nas enciclopédias e etc. Quando nos voltamos para os estudos medievais, o número de estudos sobre a produção feminina é ainda menor. Sabemos que escritoras como Hildegarde de Bingen, Mechthild de Magdebourg, Marguerite Porete e várias trovadoras tinham seus trabalhos conhecidos. O que levaria o silenciamento dessas vozes femininas? Uma das hipóteses levantadas por algumas medievalistas é que a maioria dos escritos dessas mulheres ainda estão em manuscritos, carecendo de traduções em línguas modernas. Veremos

posteriormente no capítulo 2 desse trabalho que apenas 10 obras escritas por mulheres medievais foram traduzidas para a língua portuguesa. É importante dizermos que esse silenciamento é referente às produções femininas, pois como trataremos nesse trabalho, o sistema patriarcal que perdura ainda hoje em nossas relações sociais, e na Academia não seria diferente, deslegitimou por séculos o trabalho realizado pelas mulheres.

Felizmente essa realidade começa a mudar, mesmo que lentamente e em consequência de muitas lutas, hoje temos trabalhos desenvolvidos na área dos Estudos de Gênero. Pesquisadoras como Régine Pernoud, Ria Lemaire e Amy Livingstone, vem desconstruindo o discurso patriarcal que permeia a história literária. Os Estudos da Tradução em parceria com os Estudos Culturais vem contribuindo para que textos que outrora não eram lidos e discutidos fossem inseridos na crítica literária, como por exemplo, os textos não-canônicos, pós coloniais, literatura homoafetiva e a escrita das mulheres. Um exemplo de desconstrução da história literária patriarcal em consequência dos Estudos da Tradução foi a tradução do francês medieval para o francês moderno das obras de Christine de Pizan no século XX. Posteriormente, traduções destas obras para a língua catalã, italiana, portuguesa, inglesa e espanhola, possibilitaram que vários grupos de estudos, colóquios, dissertações e teses sobre a produção de Christine de Pizan pudessem ser realizados (DEPLAGNE, 2013, p. 113-114). Apesar das traduções para diferentes línguas das obras de Christine de Pizan, apenas duas delas são em língua portuguesa, atualmente.

O objetivo desse trabalho é a tradução para a língua portuguesa do poema *Le Ditié de Jehanne d'Arc*, escrito em 1429 por Christine de Pizan. Acreditamos que traduções de obras escritas por mulheres medievais contribuem para que estudos e pesquisas dessas obras possam ser realizadas. O poema *Le Ditié de Jehanne d'Arc* é composto por versos octossilábicos, sessenta e uma oitavas e rimas “ababbcb”. A escolha deste *corpus* se deu nos primeiros contatos com a produção escrita por mulheres no campo literário medieval, durante uma disciplina ofertada no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. A disciplina foi ministrada pela professora Luciana Deplagne em 2011, em um dos debates promovidos pela disciplina, percebi que dentro de tudo o que foi trabalhado sobre a literatura medieval na graduação em Letras – Francês, na mesma universidade, não foi estudado nada que tivesse sido produzido por uma mulher. A pouca visibilidade que as vozes femininas têm nos estudos medievais me fizeram questionar os motivos pelos quais seus discursos não estavam presentes nos debates e críticas literárias.

Utilizaremos para a nossa tradução a edição realizada por Henri Heluision em 1865. Decidimos fazer uma tradução em prosa do poema, preferindo trazer o sentido do

poema em detrimento à forma. O nosso projeto tradutório é trazer Christine de Pizan aos estudos medievais no Brasil, contribuindo para o resgate da produção feminina nos estudos literários. Optamos por uma tradução com uma abordagem cultural, mantendo na medida do possível, as expressões e aspectos culturais da França na Baixa Idade Média contidos na obra da autora.

Começaremos o nosso trabalho ambientando o nosso leitor no período histórico em que Christine de Pizan e Joana d’Arc, personagem central do poema, viveram. O capítulo será dividido em quatro partes. Primeiramente, nos apoiamos em Jean Delumeau, George Duby e Pierre Boudieu para abordar a condição feminina na França medieval, como eram retratadas pelo sistema patriarcal da época. Em seguida contaremos com os trabalhos de Philippe Contamine e Jérôme Baschet para tratar do plano histórico em que o poema de Christine de Pizan se passa: a Guerra dos Cem Anos. Expondo as motivações e as consequências da maior guerra medieval que o Ocidente já teve. Depois, nos apoiaremos em pesquisadores como Stéphen Coubé, Pierre Brunel, Nicolas Brémaud e Mary Gordon para abordarmos a vida e os feitos de Joana d’Arc, a *Pucelle d’Orleans*, passando por sua infância, suas ações dentro da guerra, seu julgamento e depois sua reabilitação perante a Igreja. E para concluir esse capítulo, faremos uso dos trabalhos de Luciana Calado Deplagne, Ana Míriam Wuensch, Lieve e Teresa Forcades I Vila buscando retratar a vida e obra de Christine de Pizan, enfatizando sua luta em defesa ao sexo feminino.

O terceiro capítulo está dividido em duas partes, inicialmente mostraremos como a história literária ocidental silenciou o discurso feminino, retirando suas produções da crítica literária. Veremos também como os Estudos de Gênero e Estudos Feministas contribuem para a construção de uma nova história literária. Nos apoiaremos em Norma Telles, Ria Lemaire, Régine Pernoud e Joan Scott. Na segunda parte deste capítulo veremos como a tradução literária contribui para o resgate da escrita feminina. Mostraremos alguns exemplos de trabalhos que foram realizados em consequência das traduções realizadas, apresentaremos um quadro com as obras de Christine de Pizan que foram traduzidas para línguas modernas e como essas traduções impulsionaram os estudos de suas obras dentro das pesquisas medievais e dos Estudos de Gênero. Nos baseamos nos trabalhos realizados de Pascale Casanova, Andréa Costa, Luise Von Flotow, Pierre Bourdieu entre outros.

O quarto e último capítulo deste trabalho está dividido em três partes, primeiramente faremos uma análise do poema *Le Ditié de Jehanne d’Arc* defendendo sua epicidade à luz de Aristóteles, Christina Ramalho e Luciana Calado Deplagne. Em seguida apresentaremos a nossa tradução para a língua portuguesa do poema de Christine de Pizan.

Decidimos colocar ao lado de nossa tradução o poema em francês arcaico para que o leitor possa visitar o poema escrito na língua fonte. Na terceira parte desse capítulo apresentaremos nossas justificativas tradutórias. Nosso projeto tradutório foi pensado numa abordagem cultural dos Estudos da Tradução. Para fundamentar nossa tradução, nos apoiaremos em Antoine Berman, Javier Aixelá, Rosvitha Blume e Patrícia Peterle.

2 A CONDIÇÃO FEMININA NA IDADE MÉDIA DE CHRISTINE DE PIZAN E DE JOANA D'ARC

Neste capítulo, faremos uso dos trabalhos de Jean Delumeau, George Duby e Pierre Boudieu para apresentar o contexto social da Idade Média em que Joana d'Arc e Christine de Pizan viveram. Faremos uma breve explanação sobre o papel social desempenhado pelas mulheres dessa época, pois acreditamos que a compreensão das bases históricas em que o poema estudo desse trabalho fora realizado, nos possibilitará entendermos o próprio poema. Em seguida, analisaremos os fatos que motivaram a Guerra dos Cem Anos, tema que ambientou o poema de Christine de Pizan. Para isso, nos apoiaremos em Philippe Contamine e Jérôme Baschet. Posteriormente, veremos como foi a vida, as batalhas, a condenação e a reabilitação de Joana d'Arc, personagem central do poema. Para a realização desta pesquisa nos guiamos nos trabalhos realizados por Stéphen Coubé, Pierre Brunnel, Nicolas Brémaud e Mary Gordon. Por fim, faremos uso dos trabalhos de Luciana Calado Deplagne, referência nos estudos sobre Christine de Pizan no Brasil, Ana Míriam Wuensch, Lieve e Teresa Forcades I Vila para apresentar a vida e as obras da autora Christine de Pizan, e a sua influência nos Estudos de Gênero e Estudos Feministas.

Toda a Idade Média possuía uma estrutura social centrada na figura masculina, ou seja, os homens eram os responsáveis tanto pelas decisões públicas quanto pelas decisões familiares, apenas os homens podiam ser os herdeiros e o chefe da família. O que encontramos neste período, entretanto, é uma diferença na percepção do gênero feminino, que vai desde a veneração à repulsa. É importante ressaltarmos que apesar de a Alta Idade Média ter uma estrutura patriarcal, podemos encontrar registros de mulheres que ocuparam diferentes espaços, participando inclusive de ambientes de formação e de decisões. Tomemos como exemplo o trabalho de Trotula. Ela foi uma ginecologista e obstetra italiana do século XI que contribuiu significativamente para os estudos de medicina de sua época. O que se nota é que com o passar dos anos a participação feminina nos espaços públicos vai diminuindo a tal ponto que ela fica restrita ao âmbito do privado. A mulher deve obedecer ao seu pai, e quando casar, ao seu marido. Pois o pensamento da época era de que a mulher possuía uma natureza débil e frágil, impossibilitada de tomar decisões por si só.

As mulheres também não podiam ser herdeiras dos seus maridos e de seus pais, sendo a hereditariedade masculina e progênita, evitando que a herança fosse cada vez mais

dividida. A exclusão feminina da herança é claramente uma posição preconceituosa com o sexo feminino, de forma objetiva, não se concebia a ideia de que as mulheres podiam tomar decisões sobre elas mesmas nem dos que são dependentes delas.

As estruturas de parentesco pareciam, com efeito, tornar-se neste meio uma lenta vulgarização do modelo Real, ou seja, a linhagem, privilegiando na sucessão a masculinidade e a primogenitura. [...] Porque o patrimônio torna-se cada vez mais possuído por um senhorio. Como nos velhos *Honores* ou feudos, ele suporta cada vez menos ser dividido e de passar sobre um poder feminino, a tendência é de excluir inicialmente as filhas casadas da divisão de bens, dando-lhes um dote. Isso inclina o responsável a casar, se ele puder todas as suas filhas. Assim aumenta também a importância do dote, constituído de preferência em propriedade móvel, como também em moedas.¹ (DUBY, 1988, p. 12)

Durante os séculos finais da Idade Média, os intelectuais da época tentavam culpabilizar o sexo feminino atribuindo-lhes características terríveis. Para justificar essas práticas misóginas, eles afirmavam que toda a maldade oriunda do sexo feminino é devido à sua natureza falha. Esse discurso essencialista foi amplamente defendido e utilizado tanto pelos homens de Igreja quanto pelos leigos. A ciência afirmava que o sexo da mulher era falho por sua anatomia ser úmida e para dentro, em detrimento ao do homem, que era seco e para fora. Para eles, as mulheres eram um ser falho e defeituoso, e se tratando de um ser falho era necessário que os homens as tivessem sob tutela. Vejamos essa passagem de Jean Delumeau onde ele nos mostra a opinião de alguns anatomistas da época sobre o corpo feminino:

Se os órgãos sexuais da mulher são internos, contrariamente aos do homem, isso se deve à “imbecialidade” de sua natureza “que não pôde expelir e lançar fora as ditas partes, como no homem”. Tratando da procriação, o cirurgião de Laval assegura que “a semente mais quente e mais seca engendra o macho e a mais fria e úmida a fêmea”. E porque — desdobramento do raciocínio — “a umidade é de menor eficácia que a secura [...], a fêmea é formada mais tarde que o macho”. Daí se segue que Deus insufla a alma no quadragésimo dia para o menino e apenas no quinquagésimo para a menina. (DELUMEAU, 2009, p. 496-497)

Os médicos da época também afirmavam que quando uma mulher estava grávida de um menino ela tinha uma pele mais bonita e era mais alegre, diferente de quando tinha uma menina, provando assim, que o homem é naturalmente superior que a mulher. A

¹ As traduções desta dissertação do par linguístico francês/português são de nossa autoria, salvo aquelas assinaladas com a autoria de outro tradutor. Texto original : Les structures de parenté paraissent bien en effet se transformer alors dans ce milieu, par la lente vulgarisation d'un modèle Royal, c'est-à-dire lignager, privilégiant dans la succession la masculinité et la primogéniture. [...] Parce que le patrimoine prend de plus en plus nettement l'allure d'une seigneurie, parce que, à l'instar des vieux honores ou des fiefs, il supporte de moins en moins d'être divisé et de passer sous un pouvoir féminin, la tendance est d'abord d'exclure les filles mariées du partage successoral en les dotant. Ce qui incline le lignage à marier s'il le peut toutes ses filles. Ce qui par ailleurs accroît l'importance de la dot, constituée de préférence en biens meublés, et aussitôt qu'il est possible en monnaie.

menstruação foi alvo de muito debate e questionamento sendo mais um reforço para a opressão sofrida pelas mulheres. Acreditava-se que o sangue da mulher a tornava impura, durante suas regras elas não podiam conviver com outras pessoas para não contaminá-las, não podendo inclusive, comungar ou entrar na Igreja.

Os intelectuais deste período caracterizaram as mulheres de forma essencialista com argumentos que foram convencionados historicamente por eles. Essa concepção, longe de ser transformada foi responsável por diversas perseguições ao sexo feminino, onde muitas delas foram mortas. Falar do sexo feminino na Baixa Idade Média é nos deparar com um momento histórico onde a mulher sofre apenas por nascer mulher. Simone de Beauvoir (2013, p. 13) afirma que não se nasce mulher, torna-se mulher. Tornar-se mulher na Baixa Idade Média é torna-se alguém para cuidar do lar e tudo vinculado a ele, como os filhos e o marido, é tornar-se alguém que deve ser submissa aos caprichos do cônjuge. Estando sempre bela e disposta, pois a beleza é algo natural ao sexo feminino. Pierre Bourdieu não escreveu “A dominação masculina” pensando nas mulheres medievais, mas reconhece que a exploração ao sexo feminino já estava presente neste período histórico, justificando assim a seguinte afirmação:

Estando, assim, socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura, elas têm naturalmente a seu cargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo o que se refere à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica, dos filhos, obviamente, mas também do esposo, que lhes delega muitas vezes a escolha de sua indumentária. (BOURDIEU, 2012, p. 119)

A razão é atributo característico ao sexo masculino e a emoção ao sexo feminino, ou tudo que fosse de caráter supérfluo. Para o pensamento da época, a beleza e a razão não andavam de forma conjunta, a mulher adquiria um pouco de razão com o avançar da idade, quando a beleza estava esvanecendo, diferente do homem, que mesmo jovem já possuía a razão. Logo, não se concebia a ideia de que existisse mulher bela e sábia. Tendo em mente tudo o que foi discutido anteriormente sobre a condição feminina durante a Baixa Idade Média, podemos entender que as ações de Joana d’Arc foram um ato de transgressão e resistência.

2.1 A GUERRA DOS CEM ANOS: AS BATALHAS DA DONZELA ELEITA

A Baixa Idade Média, como tratada antes, é um período de início da centralização do poder real. E a forma mais justa de conseguir territórios, sem margem para questionamentos, era a guerra. A guerra trazia determinados *status* para aqueles que queriam gozar de boa reputação, tanto para com o seu senhor, bem como aos olhos da sociedade como um todo. Quando a vitória chegava era sinal de que Deus os tinha abençoado, pois a vitória era vista como um sinal de entrada para o paraíso. Na maioria das vezes a nobreza era a protagonista dentro das guerras, mas é bem verdade que muitos mercenários eram contratados para participar, contrariando os ideais da figura do cavaleiro na Alta Idade Média. Devemos ressaltar que as guerras eram resultado de disputas e interesses das famílias dominantes da época (DUBY, 1982, p. 16), ou seja, a população quase não tinha participação direta nelas.

A guerra dos Cem Anos não foi diferente. Dois reinos protagonizaram a maior guerra existente durante toda a Idade Média: de um lado, a coroa inglesa que tinha em mente a expansão de seus domínios, do outro, a coroa francesa, que queria garantir a submissão vassálica dos ingleses. Ninguém que vivesse durante os séculos IV e XV nomearia essa guerra como a conhecemos atualmente, segundo Philippe Contamine:

A expressão ‘guerra dos Cem anos’ é uma criação, relativamente recente, dos historiadores. Não a vemos aparecer, salvo engano, antes do início do século XIX, onde ela foi introduzida na França com fins pedagógicos nos livros didáticos. Consequentemente, ela tomou lentamente seu lugar, tanto na historiografia inglesa quanto na francesa devido ao uso corrente na segunda metade do século. (CONTAMINE, 1968, p. 5)²

Logo, essa expressão reúne tanto os conflitos políticos quanto os militares relativos aos reinos da França e da Inglaterra entre os anos de 1336 e 1453. Os dois reinos entraram em desentendimento desde que o rei Henry II ao se casar com Eleonor d’Aquitânia tomou posse da província de Aquitânia, antiga Guienne e Gasconha, ambas territórios franceses. Pelas leis feudais, o rei inglês devia lealdade vassálica ao rei francês, tendo inclusive que pagar impostos a ele. Porém, a coroa inglesa sempre gerava problemas políticos (pois a coroa inglesa tinha uma economia muito forte com o comercio de lã nos territórios) incitando as províncias a se tornarem independentes do governo francês. E a coroa francesa

² L’expression ‘guerre de Cent ans’ est une création relativement récente des historiens. On ne la voit pas apparaître, sauf erreur, avant le début du XIX^e. Siècle, où elle fut introduite en France à des fins de pédagogie par des ouvrages scolaires. Par la suite, elle a pris lentement sa place dans l’historiographie tant anglaise que française et devint d’usage courant dans la seconde moitié du siècle.

tentava fazer com que a cora inglesa se submetesse a ela durante suas decisões, pois ela era o senhor feudal das províncias.

As disputas de territórios se agravavam quando o rei francês, Louis X morre em 1316 sem deixar herdeiros. De acordo com a lei sálica³, criada no século X, apenas o *dauphin*⁴ poderia ser o herdeiro do trono francês, pois a hereditariedade era masculina. Em consequência da ausência de herdeiros de Louis X, a coroa francesa é passada ao irmão de Louis X, Philippe V. Em 1322, Philippe V também morre sem deixar herdeiros, abrindo espaço para disputas pela coroa francesa, mas quem assume o trono é o irmão mais novo de Louis X, Charles IV. Em 1328, o Rei Charles IV também falece, sem deixar herdeiros. Começa a disputa pela coroa francesa novamente, de um lado está Edward III (1312 – 1377), rei da Inglaterra, do outro, Philippe de Valois (1293 – 1350), descendente de Philippe III (1245 – 1285). Phillipe de Valois ganha a disputa se tornando o rei Philippe VI. A coroação de Philippe VI trouxe críticas por parte do reino inglês, pois ele acreditava ser o único herdeiro legítimo ao trono.

Dois grandes ducados franceses saíram em defesas opostas no que concerne o direito ao trono francês, os Armagnacs defendiam a legitimidade dos Valois e os Bourguignons defendiam a legitimidade do rei inglês (BASCHET, 2006, p. 250). Para dificultar politicamente os poderes da coroa francesa, os Bourguignons deixavam cada vez mais a coroa inglesa tomar decisões em seu território. Em 1420 um tratado entre os dois reinos é assinado, o Tratado de Troyes era para os reinos a possibilidade de uma tão esperada paz. O tratado consistia em uma união entre Henry V (1387 – 1422), filho do rei Henry IV (1367 – 1413) com Catherine de Valois (1401 – 1437), filha do rei Charles VI (1368 – 1422), e o filho fruto desta união governaria os dois reinos (CONTAMINE, 1968, p. 87). Esta união trouxe desentendimentos dentro da monarquia francesa, pois o rei Charles VI já tinha um filho e o *dauphin* juntamente com o apoio dos Armagnacs insistia no seu direito de sucessão. Em 1422 os dois reis morrem deixando seus respectivos tronos a espera da efetivação do tratado. Como o filho do rei Henry V ainda era jovem, dois tutores foram designados para sua guarda até que ele pudesse governar. Por outro lado, o *dauphin* tentava ocupar o trono, mas a sua moral estava em baixa dentro da monarquia e somado a isso, ele não tinha estrutura

³ A Lei Sálica buscava regular todos os aspectos da vida em sociedade, cobrindo matérias que hoje seriam denominadas de direito penal, tributário e civil, embora com notáveis lacunas e de forma assistemática. Uma das matérias tratadas, de grande influência na Idade Média, foi a disciplina da herança bem como as regras de sucessão dinástica. Ao final do medievo e início da Idade Moderna, a expressão “lei sálica” passa a designar as regras de sucessão do trono da França – regras que posteriormente foram imitadas por outras monarquias europeias. (FACCHINI NETO, 2013, p. 61).

⁴ Título de príncipe da monarquia francesa.

financeira nem para barganhar com os nobres nem para bancar um exército e retomar seus territórios, conseqüentemente, teve que se refugiar na cidade de Chinon, junto de um pequeno grupo de nobres (entre eles os Armagnacs).

Nesse período da guerra, a França já estava fortemente ocupada pelo exercito inglês, vários nobres reconheciam o rei Inglês como o monarca dirigente da coroa francesa e o herdeiro ao trono francês estava recluso em Chinon. Tudo estava propício para uma vitória da coroa inglesa, que disputou por anos o trono francês, quando em 1429, surge uma menina de dezesseis anos na corte do *dauphin* alegando cumprir uma missão a pedido dos seus santos para restituir o trono francês ao herdeiro francês e expulsar os ingleses dos seus territórios. Essa jovem se chamava Joana d’Arc.

Quando Joana d’Arc chegou à corte do *dauphin* alegando devolver a coroa para ele, pois essa era a vontade divina, ela teve que passar por uma entrevista com os doutores e teólogos da Igreja. Depois de confirmada a sua veracidade, Charles VII a equipa e entrega homens para que ela cumpra a sua missão:

Um interrogatório teológico concluiu a ortodoxia da *Pucelle*⁵. Os políticos a julgaram útil. Outros foram conquistados pela sua origem. Charles VII deu-lhe uma armadura e a equipou. Ele tinha armas, cavalos, um estandarte e se colocava como chefe de guerra. (CONTAMINE, 1968, p. 95)⁶

Joana foi libertando as cidades que estavam sob domínio inglês, uma a uma. Quando ela libertou a cidade de Orléans que há muitos meses estavam sob o domínio inglês e que a França tinha fracassado tentando libertá-la, os franceses viram a possibilidade real de ter uma disputa justa e conseqüentemente vencer os ingleses. Em 1429, Joana coroa Charles VII como o rei da França na cidade de Philippe VI, cidade em que tradicionalmente acontecia as coroações dos reis franceses. Mesmo com o rei sendo coroado, muitas intrigas ainda permaneciam dentro da monarquia. Tanto os nobres em sua maioria quanto Joana queriam libertar mais cidades do poder da Inglaterra, mas Charles VII acreditava que poderia resolver os conflitos da guerra por meio da diplomacia. Sozinha em sua missão divina, já que o rei Francês cada vez menos a apoiava em suas empreitadas, Joana foi capturada na cidade de Compiègne pelo duque de Luxemburgo e foi vendida como prisioneira para os partidários ingleses, sentenciada pela Igreja e condenada pela justiça secular à fogueira. Joana d’Arc morre em 30 de maio de 1431.

⁵ Nome pelo qual Joana era conhecida. No português “a Donzela”.

⁶ Une enquête théologique conclut à l’orthodoxie de la Pucelle. Les politiques la jugèrent utile. D’autres furent conquis par son ascendant. Charles VII lui donna une suite, l’équipa. Elle eut des armes, des chevaux, un étendard, et se tint pour chef de guerre.

A partir do ano de 1430, Charles VII recuperou um a um de seus territórios, e conseguiu se legitimar como o único herdeiro do trono francês. A coroa inglesa estava começando a sofrer politicamente, pois não tinha mais investimento financeiro para manter a guerra e o seu único aliado dentro da França, os Bourguignons, não possuíam influência na corte francesa. Em 1435, um novo tratado foi feito, o Tratado de Arras, que beneficiou ainda mais a coroa francesa. O contrato consistia em garantir a coroa francesa ao rei Charles VII, desobrigava Philippi (Duque do território Bourguignon de prestar homenagem à coroa francesa, possibilitando assim o rompimento da relação entre os Bourguignons e o rei Henry VI. Em contrapartida, Charles VII capturava o responsável pela morte do pai de Philippi (Conhecido como Jean sem medo). Alguns atritos ainda existiam entre os dois reinos, mas nada que desencadeasse novas guerras.

2.2 JOANA D'ARC: SÍMBOLO DE LUTA E RESISTÊNCIA

Joana d'Arc é uma personagem icônica da história francesa, cuja vida e morte deixaram alguns quadros marcantes no imaginário coletivo dos franceses, sendo, portanto, conhecida mundialmente em diversas áreas da academia e fora dela. Atualmente, ela é considerada uma santa da Igreja Católica além de símbolo de patriotismo para o povo francês. Veremos a seguir um trecho de uma carta lida em diversas igrejas pela França:

Um longo arrepio de entusiasmo percorreu a França no último mês de abril, Joana d'Arc foi elevada aos altares. Um grande grito de admiração e de amor subiu até ela e o eco ainda se prolonga. Ela conquistou o primeiro lugar entre as santas da pátria. Ela até ofuscou suas ilustres irmãs, tal qual o sol que escurece as estrelas quando ele nasce pela manhã com sua luz dourada no horizonte. Mas por que essa popularidade e essa preeminência repentina conquistada por uma simples abençoada? Ah! Sem dúvida, ela tem todas as virtudes e todas as aureolas. Mas entre essas aureolas há uma que brilha mais intensamente, que nos deslumbra e nos encanta mais que outras, entre essas virtudes, há uma que a distingue, que a caracteriza e que a torna cara entre todas as abençoadas do paraíso: é o seu patriotismo. Ela é a mais francesa de todas as santas da França. (COUBÉ, 1910, p. 7-08)⁷.

⁷ Discurso proferido em diversas catedrais pela França. « Un long frisson d'enthousiasme a parcouru la France, lorsqu'au mois d'avril dernier Jeanne d'Arc a été élevée sur les autels. Un grand cri d'admiration et d'amour est monté jusqu'à elle et l'écho s'en prolonge encore. Elle a conquis d'emblée la première place parmi les saintes de la patrie. Elle a même éclipsé ses plus illustres sœurs, comme le soleil fait pâlir les étoiles, quand il jaillit le matin dans une clarté d'or à l'horizon. Mais pourquoi cette popularité et cette prééminence subitement conquises par une simple bienheureuse ? Ah ! Sans doute, elle a toutes les vertus et toutes les auréoles. Mais parmi ces auréoles, il en est une qui brille d'un plus vif éclat, qui nous éblouit et nous charme plus que les autres : parmi ces vertus, il en est une qui la classe à part, qui la caractérise et nous la rend chère entre toutes les bienheureuses du paradis : c'est son patriotisme. Elle est la plus française de toutes les saintes de France. »

A carta apresentada pelo Abade Stéphen Coubé mostra o momento em que Joana d’Arc foi beatificada pela Igreja em 1909, aproximadamente 500 anos após a sua morte. De bruxa e herege, a Donzela é considerada santa e o maior símbolo de patriotismo da mesma nação que a entregou para a fogueira, em 1431. Contudo, voltemos ao tempo em que a jovem estava viva, iremos nos deter ao seu nascimento e aos meses que se estenderam até a sua condenação.

Joana d’Arc nasceu em janeiro de 1412, na cidade de Domrémy (atualmente Domrémy-la-Pucelle, em sua homenagem), pertencente à região da Lorraine. Filha de Jacques d’Arc (o patrinimo às vezes pode ser visto como Darc, Dare, Tart, Tarc) e Ysabelle (Isabeau) Romée, ela teve uma irmã (Catherine) e três irmãos (Jacquemin, Jean, et Pierre).

Diferente do que muito se afirma sobre a jovem guerreira, Joana d’Arc não era uma camponesa analfabeta, pelo contrário, ela vinha de uma família razoavelmente estável, em que seus pais eram *laboueurs*⁸ (BRUNEL, 2005 p. 530).

Seu pai é descrito como sendo um homem bastante autoritário, temido por Joana d’Arc devido a sua austeridade e severa concepção de dever. No entanto, ele demonstrava carinho especial por sua “*Jeannette*”. Era uma pessoa considerada muito importante na e para a cidade Domrémy. Sendo um próspero produtor com vinte hectares de terras, vinhas e prados, Jacques ocupava o cargo de decano, ou seja, vice-senhor e terceira personalidade da paróquia, depois do prefeito e seu assessor. Ele foi encarregado de várias missões delicadas, e, em março de 1427, foi apontado pelos moradores para representá-los em uma ação judicial contra o senhor de Vaucouleurs, Robert Baudricourt.

Relata-se que certo dia, Jacques sonhara com sua filha partindo com os homens das armas (soldados) e por isso, solicitou a sua mulher que ela sempre a acompanhasse de perto e para os seus filhos que, caso a previsão realmente acontecesse, eles afogassem sua irmã, pois se eles não o fizessem, ele próprio faria. Este fato seria, posteriormente, confirmado por Joana d’Arc em seu julgamento, no qual ela relata que desde o dia do sonho de seu pai, ela passou a sentir uma discreta vigilância, mas que a inquietava. (BRÉMAUD, 2008, p. 686).

A mãe de Joana d’Arc, por sua vez, é mais conhecida por sua fé. Foi ela quem lhe ensinou o *Pater Noster*, *Ave Maria* e o *Credo*. Joana afirmava constantemente que suas noções em matéria de religião (ela nunca se refere à Bíblia) vieram de sua mãe e de ninguém mais (sacerdote ou qualquer autoridade religiosa). Isabelle Romée era muito piedosa; em

⁸ Camponeses que cultivavam na própria terra. Às vezes sem vínculo com o senhor feudal.

março de 1429 (ao mesmo tempo em que sua filha tinha sido convocada por Charles VII e se dirigia para Chinon), ela não hesitou em ir a pé venerar a “*Vierge du Puy-en-Velay*”, onde participou do perdão da Anunciação. É ela que acabou, mãe obstinada e piedosamente fiel, obtendo a reabilitação de sua filha em 1456. Ela morreria dois anos mais tarde em 1458. (BRÉMAUD, 2008, p. 686).

Antes de seu décimo terceiro ano, de acordo com algumas pessoas que lhe eram próximas e os amigos da época, Joana d’Arc era uma menina como qualquer outra da sua cidade, ia às missas, costurava com a sua mãe e, às vezes, pastorava as terras com o seu pai, era obediente e trabalhadora. Era uma jovem alegre, franca, cheia de generosidade e bondade, ajudava aos pobres, gostava de cantar e dançar com as outras meninas. Os historiadores se apoiando nos testemunhos da época, principalmente aqueles do processo de reabilitação, sublinham como Joana d’Arc era igual às outras meninas de sua idade, discurso que se repetiu diversas vezes como salienta Pernoud e Clin (apud BRÉMAUD, 2008, p. 687): “de um depoimento a outro, é o termo recorrente, quase que irritante na sua simplicidade: “ela era como as outras, ela fazia tudo como as outras, apenas se distingue daqueles que a rodeiam por alguns traços”⁹. Porém, é através do principal aspecto que a diferenciava das outras meninas de sua idade que Joana d’Arc teria sua vida modificada, ou seja, por sua imensa devoção. Sua fé era inteira, absoluta e sem reservas, ao ponto de desconcertar aqueles que a rodeavam; seus amigos não perdiam a oportunidade de zombar dela por esse motivo, o que a deixava desconfortável. (BRÉMAUD, 2008, p. 687).

Sua vida muda quando em 1425, aos trezes anos, segundo ela, começa a ouvir vozes que lhe diziam que ela deveria tomar conta de si própria e a partir daquele dia em diante, não deveria deixar a Igreja, deveria ser gentil e dedicada e a pediram, entre outras coisas, que ela fosse à França, conforme relatado durante o seu processo:

E afirma que, desde seus treze anos, ela tinha revelações do Nosso Senhor que a ensinou a se governar. Na primeira vez, ela teve muito medo. Ela afirma que essa voz veio por volta de meio dia, na época do verão, quando ela estava no jardim do seu pai, em um dia de jejum. E a voz vinha do lado direito, no sentido da igreja, e que a voz não era sem clareza [...]. Disse ainda que depois de ter ouvido três vezes essa voz, ela percebeu que se tratava da voz de um anjo. [...] A voz lhe dizia para cuidar de sua alma [...]. E que ela devia frequentar a igreja. Depois, lhe disse que era necessário que ela fosse à França.¹⁰ (DUBY, G; DUBY, A, 1973, p. 36-37)

⁹ D’une déposition à l’autre, c’est le terme qui revient, presque irritant dans sa simplicité : elle était comme les autres, elle faisait tout comme les autres, c’est à peine si elle se distingue de l’entourage par quelques traits”.

¹⁰ Et dit que, dès l’âge de treize ans, elle eut révélation de Notre-Seigneur par une voix qui lui enseigna à se gouverner. Et pour la première fois, elle avait eu grand’peur. Et dit que ladite voix vint ainsi qu’à midi, en temps d’été, elle étant au jardin de son père, en un jour de jeûne, et dit que ladite voix vint au côté droit vers l’église. Et dit que ladite voix n’est guère sans clarté [...]. Dit outre que ladite voix, après qu’elle l’eut ouïe

As vozes, que não cessariam mais, anunciaram que ela fora escolhida por Deus para realizar a profecia que dizia que a França, perdida por uma mulher, deveria ser salva por uma virgem vinda das terras da Lorraine. Até 1428, Joana d’Arc irá manter o seu segredo. Ela continuará a viver e interagir com as vozes, que nesse ano tornam-se mais insistentes e que mudam o discurso: exortações para preservar a virgindade são mais raras, os chamados para salvar a França mais frequentes. Seis meses após o inimigo (os ingleses) ter devastado sua cidade natal, seu único pensamento era tornar-se o chefe de guerra, o que levaria a coroação do rei. (GORDON, 2002, p. 55).

Em 1429, Joana d’Arc deixa a sua cidade natal e vai ao encontro do *dauphin* na cidade de Chinon. Como vimos anteriormente, a *Pucelle* pede ao futuro rei da França equipamentos e um número de soldados para que ela possa realizar a sua missão: devolver a França ao povo francês. Na corte do *dauphin*, Joana d’Arc passa por provações perante o Clero para comprovar suas intenções (pois o rei duvidara da legitimidade de sua empreitada). Após ter sua fé comprovada pela Igreja, Joana parte em sua missão. Ela liberta várias cidades do domínio inglês e, em 17 de julho de 1429, coroa o rei Charles VII como rei da França na cidade de Reims, tradicionalmente cerimônias de uma parte do *Vigiles de Charles* momento que com o *dauphin* na cidade em que eram realizadas as coroação. Abaixo vemos manuscrito Intitulado *Les VII* em que mostra o Joana D’Arc se encontra cidade de Chinon:



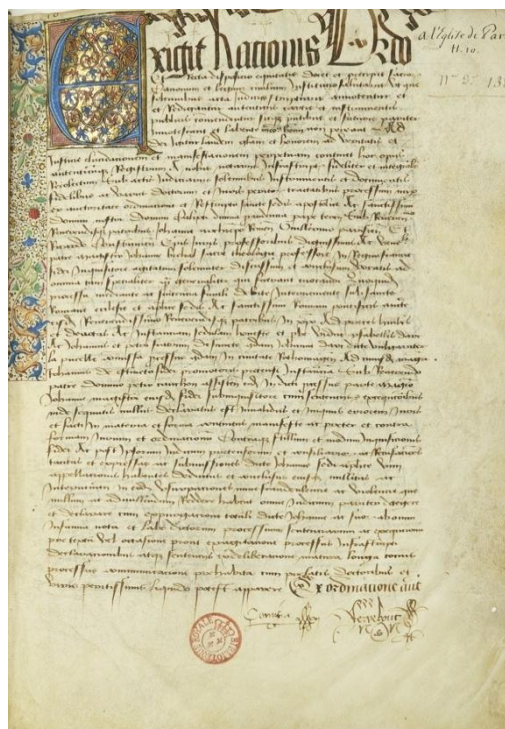
par trois fois, elle connut que c'était la voix d'un ange. [...] Cette voix lui disait pour le salut de son âme [...] Et lui disait qu'elle devait fréquenter l'église. Et après lui dit qu'il était nécessaire qu'elle vînt en France.

Figura 1 – Destaque de página do manuscrito *Les Vigiles de Charles VII*

Na imagem Joana d'Arc encontra o dauphin em Chinon.

Fonte: D'Auvergne, 1475-1500.

No ano de 1430, na cidade de Compiègne, Joana d'Arc foi capturada e entregue ao exército inglês. Em janeiro de 1431, na cidade de Rouen, Joana começa a responder um processo inquisitório realizado pelo bispo de Beauvais, Pierre Cauchon que era partidário inglês. O processo que documentação do e anexos que contêm contra Joana e os realizados nos meses processo não foi mandavam as leis da vernácula, sendo para o latim por dois Courcelles e fizeram cinco cópias, uma para o inquisidor (BEAUNE, 2006, p.



durou meses e buscava desacreditassem Joana. A processo é formada por atas argumentos de acusação interrogatórios foram de fevereiro a maio. O escrito em latim, como época e sim em língua traduzido posteriormente clérigos: Thomas de Guillaume Manchon. Eles três para o rei Henry VI, e uma para o bispo 19). Abaixo está uma cópia

de uma página do processo de Joana d'Arc. Cópias dos documentos pertencentes ao processo da *Pucelle* está digitalizada e disponível ao público em diversas bibliotecas:

Figura 2 - Página do manuscrito do Processo
de Joana d'Arc
Fonte: PROCESSUS, 1456-1458.

O processo de Joana d'Arc fora realizado de forma arbitrária, ela não tivera direito a advogado, realizando ela própria sua defesa. Ademais, importante sublinhar que todos os seus inquisidores eram favoráveis à coroa inglesa. Neste momento, o processo inquisitório era utilizado como instrumento político para atender os anseios e as demandas de interesses pessoais e regionais do conflito entre os reinos.

O processo de Joana d'Arc tratava-se, antes de tudo, de um processo político. Era a oportunidade de a corte inglesa contestar a coroação do rei Charles VII, pois se comprovassem que as ações realizadas pela *Pucelle* não eram guiadas por Deus, tudo o que fora conquistado por ela seria contestado. Ora, um país cristão não poderia ser guiado por um soberano que ajudou uma mulher herege. Dentro deste contexto, o processo de Joana tentava a todo custo comprovar a sua heresia e consequentemente a sua morte. Pois a sua destruição representava, inevitavelmente, a destruição do poder real francês.

Nos meses de fevereiro a março, seis sessões de interrogatórios foram realizadas publicamente no castelo de Rouen e outras seis, também no mês de março, dentro de sua cela no castelo. Os inquisidores buscavam fatos da vida da *pucelle* que pudessem ser usados contra ela. Investigaram a sua família, sua infância e seu dia-a-dia como uma cristã (se ia às missas, se fazia comunhão e se confessava). Perguntaram-lhes sobre suas visões, quando começaram, como elas eram e o que pediam. Joana afirmava que suas ações foram ordenadas pelas santas Marguerite, Catherine e pelos santos Michel e Gabriel. Acrescentando que esses santos e santas eram enviados por Deus e que ela recebera uma missão divina: salvar a França do poder inglês.

Por ser uma mulher pobre, não erudita e portar-se como um cavaleiro, Joana d'Arc foi sentenciada como herege pela Igreja. Ora, uma mulher que afirmava ser enviada por Deus para salvar uma nação que não era a inglesa, transgredir o seu papel social e sexual, vestindo-se como homem e desobedecendo à Igreja era algo que esta não podia permitir:



Joana ofendeu
 Deus
 recebendo,
 nesta roupa, o
 corpo de
 Cristo. E se ela
 reconhece ter
 pego essa
 roupa sob
 mandamento
 de sua voz, é a
 prova de que
 ela é maligna.
 Pressionada,
 Joana percebe,
 ao longo do
 interrogatório,
 a roupa de
 homem como o
 símbolo de sua
 missão, que
 não está terminada. Abandoná-la seria trair¹¹. (DUBY, G; DUBY, A, 1973, p. 39).

Sua primeira sentença foi ser mantida presa pela Igreja, vivendo em penitência para corrigir os seus pecados, para isso ela precisaria imediatamente trocar a roupa masculina e usar uma própria ao seu sexo. Mas Joana se recusou a trocar de roupa, pois sua missão ainda não tinha terminado, ferindo os costumes e as Sagradas Escrituras. A *Pucelle* foi sentenciada pela Igreja novamente como herege, mentirosa, feiticeira, apostata e transgressora, deixando a sua sorte para a justiça secular. Esta por sua vez, encaminhou Joana ao local de sua morte sem nenhum tribunal ou processo. Condenada à fogueira por Raoul Le Bouteiller, o *bailli*¹² de Rouen, Joana d'Arc morre em 30 de maio de 1431, queimada em praça pública, como retratado na figura abaixo, pertencente ao manuscrito *Les Vigiles de Charles VII*:

¹¹ Jeanne a donc offensé Dieu en recevant dans cette ténue le corps du Christ. Et si elle reconnaît avoir pris ce vêtement sur mandement de sa voix, c'est la preuve manifeste que celle-ci est maligne. Harcelée, Jeanne en vient peu à peu, au cours de l'interrogatoire, à voir dans l'habit d'homme le symbole même de sa mission, qui n'est pas terminée. L'abandoner serait trahir.

¹² Durante a Baixa Idade Média, um *bailli* ou um bailio era o representante legal de um rei, responsável por cobrar impostos, fiscalizar os funcionários locais e convocar a nobreza local a mando do Rei.

Figura 3 – Destaque de página do manuscrito *Les Vigiles de Charles VII*

Na imagem Joana d'Arc é sentenciada à fogueira em praça pública.

Fonte: D'Auvergne, 1475-1500.

Sua fé no caráter divino de sua missão a fez perder a consciência de sua transgressão das regras sociais. Ela não escolhera as vestimentas masculinas pelo conselho de um homem do mundo; ou fizera qualquer coisa, a não ser pelo preceito de Deus. Deste modo, Joana d'Arc não conseguiu encontrar o caminho de volta à condição de mulher submissa ao poder clérigo e político, característica imposta pela sociedade do antigo regime, momentaneamente invertendo o seu papel social enquanto mulher. Tratava-se de uma grande transgressão ao sistema de valores no qual eram determinados os respectivos papéis de homens e mulheres na sociedade, em que os feitos femininos eram proibidos de intervir na esfera pública da sociedade. (GERVAIS; LUSIGNAN, 1999, p. 196).

Mesmo após a morte de Joana d'Arc, a guerra continuou. Ainda que tenham tentado, os ingleses não conseguiram atingir diretamente a legitimidade de Charles VII. Após as mais diversas reformas dentro do reino, principalmente no exército, a vitória não mais parecia tão irreal, e por isso, os franceses permaneceram lutando contra a ocupação inglesa no continente. Joana d'Arc encarna as esperanças dos franceses, cansados da guerra e ansiosos para ver o delfim da França prevalecer. Tendo contribuído mais do que qualquer outra pessoa para o nascimento do sentimento nacional na França, expressando-o com vigor, de acordo com a mentalidade da época, a pessoa de Joana d'Arc tornou-se a figura de uma heroína nacional, cuja memória é honrada como tal, todos os anos, em 8 de maio, aniversário da libertação de Orleans.

Se o processo de condenação de Joana d'Arc teve motivos políticos, a sua reabilitação também o tinha. O rei Charles VII liberta a cidade de Rouen do poder inglês em 1449, neste mesmo ano ele decide rever o processo de condenação da *Pucelle*, pois seu nome e seu trono ainda estavam ligados ao nome de uma herética. Charles VII convoca o mestre Guillaume Bouillé, doutor em teologia e membro do seu conselho para colher algumas perguntas referente ao processo de 1431, pois para ele, esse processo possuía: “vários erros e vários

abusos foram cometidos por grande ódio... unicamente, sem razão, foi muito cruel como os inimigos do verdadeiro rei mataram Joana.”¹³ (DUBY, G; DUBY, A, 1973, p. 195). Um primeiro interrogatório é conduzido, apenas sete pessoas foram interrogadas, dentre elas, seis participaram da condenação em 1431.

A Igreja Católica tinha interesse em terminar a guerra que durava mais de um século entre a França e a Inglaterra. Para a Igreja, era necessário que os dois soberanos se aliassem contra os Turcos. O papa Nicolas V envia o cardeal normando Guillaume d’Estuteville afim de convencer o rei Charles VII de que a paz entre os reinos era necessária. O cardeal se junta a Bouillé e a Jean Bréhal com os interrogatórios a favor da Donzela. Em 1454, a mãe de Joana d’Arc, Isabeau e seu irmão, Pierre, são apresentados ao arcebispo da cidade de Reims, Jovenel des Ursins e ao bispo de Paris, Guillaume por Jean Bréhal na catedral Notre-Dame de Paris. Isabeau leva consigo uma carta do papa Calixte III datada de 1454. Essa carta autoriza a reabilitação de Joana d’Arc ao seio da Igreja, segundo o papa:

Com todas as forças, provaremos que os juízes de 1431 não respeitaram as regras, e que a *Pucelle* era uma boa cristã, sem se deter sobre todas as maravilhas que se proliferam em torno de sua memória. Um único objetivo: há muito tempo, que a suspeita levantada de que o rei da França se serviu de uma bruxa seja definitivamente retirada.¹⁴ (DUBY, G; DUBY, A, 1973, p. 197)

O documento de reabilitação da *Pucelle* consiste em informações dos interrogatórios realizados a mando do rei Charles VII em 1449 até 1452, e interrogatórios realizados em 1456 nas cidades de Lorraine, Rouen, Paris e Orléans. Em 7 de julho do ano de 1456 o julgamento foi lido publicamente:

Nós dizemos, pronunciamos, decretamos e declaramos que as afirmações e as sentenças, manchados de fraude, calúnia, iniquidade, contradições, contendo erros de direito e de fé, com a dita abjuração, execuções e todos os seguimentos, foram, serão e são nulos, inválidos, inúteis e vãos [...] nós declaramos que a dita Joana, os litigantes e seus parentes, não contraíram ou incorreram, à ocasião de tudo o que se passou, nenhuma marca de infâmia nem de mácula; ela é e deve ser desencarregada e desculpada, e nós a desculpamos totalmente, tanto quanto for necessário.¹⁵ (DUBY, G; DUBY, A, 1973, p. 296)

¹³ Plusieurs fautes et abus ont été commis, et c’est par grande haine... iniquement et contre raison et très cruellement que les ennemis du vrai roi ont fait mourir Jeanne.

¹⁴ À toutes forces, on prouvera que les juges de 1431 n’ont pas respecté les règles, que la Pucelle était bonne chrétienne, sans s’attarder à tout le merveilleux qui prolifère autour de sa mémoire. Un seul but : le soupçon doit être définitivement levé que jadis le roi de France se servit d’une sorcière.

¹⁵ Nous disons, prononçons, décrétons et déclarons que lesdits et sentences, entachés de dol, calomnie, iniquité, contradictions, contenant erreur manifeste de droit et de fait, avec ladite abjuration, exécutions et toutes les suites, ont été, seront et sont nuls, invalides, inutiles et vains. [...] nous déclarons que ladite Jeanne, les plaideurs et ses parentes, n’ont contracté ou encouru, à l’occasion de tout ce qui s’est passé, aucune marque d’infamie ni macule ; qu’elle est et doit être déchargée et disculpée, et nous la disculpions entièrement, autant qu’il est besoin.

Joana d’Arc, agora reabilitada, é aclamada por toda a nação francesa como símbolo de patriotismo e devoção religiosa. O rei Charles VII é visto como um soberano que foi coroado pela Donzela escolhida por Deus. Em 1909, a *Pucelle* foi beatificada e em 16 de maio de 1920, canonizada por Bento XV, tornando-se Santa Joana D’Arc, padroeira da França.

2.3 CHRISTINE DE PIZAN: UMA FEMINISTA AVANT LA LETTRE

Graças a uma quantidade significativa de biografias e documentos que sobreviveram ao tempo é possível sabermos mais sobre a autora. (DEPLAGNE, 2012, p. 38-39). Christine de Pizan nasceu em 1364, na cidade de Veneza. Mudou-se para a França quando tinha apenas cinco anos, pois seu pai, Tommaso di Bevenuto da Pizzano, foi contratado para trabalhar na corte de Charles V e Charles VI. Christine de Pizan veio de uma família respeitada, de intelectuais renomados. Seu pai queria dar uma educação à filha igual ao de qualquer jovem do sexo masculino de sua época. Sendo médico, astrólogo, filósofo, e professor da Universidade de Bolonha, Tommaso instruiu a filha nas áreas da literatura, filosofia, história e línguas (francês, italiano e latim). Mesmo não conhecendo o nome da mãe de Christine, sabemos que ela contribuiu significativamente nos escritos de Christine. Lendo para Christine — durante sua infância — histórias em que santas transformavam seus martírios em liberdade (LEMARCHAND apud WUENSCH, 2003, p. 5). Seu avô materno, Mondino di Luzzi, foi um célebre anatomista e o primeiro a fazer uma autópsia em uma mulher grávida. Ele contribuiu com os estudos de sua neta lhe ensinando a ciência do corpo (WUENSCH, 2013, p. 10).

Aos quinze anos, Christine de Pizan se casou com Estienne de Castel, secretário do rei, com quem teve três filhos. Aos vinte e cinco anos, ela ficou viúva e perdeu seu pai em pouco tempo depois. Sem dinheiro, tendo que sustentar a mãe e três crianças, ela viveu da única coisa que sabia fazer: escrever. Tornando-se a primeira mulher do Ocidente a viver da escrita. Christine era uma mulher muito erudita para a sua época, graças aos ensinamentos de sua família e aos livros que a corte pôde oferecer, ela nos deixou um legado literário que vai desde poemas a tratados.¹⁶

Christine de Pizan é vista por muitos como a primeira mulher na Europa que pôde sobreviver com as receitas de sua escrita. Ela representa, por assim dizer, o ponto

¹⁶ A bibliografia de Christine de Pizan está cronologicamente estruturada no livro “A Cidade das Damas” traduzido para o português por Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne.

culminante da escrita mais intelectual que foi usada por Hildegard de Bingen no século XII. (TROCH, 2013, p. 9).

Não foi fácil para Christine de Pizan ascender intelectualmente, apesar de seu conhecimento em diversas áreas, ela ainda era vista como iletrada, pois apenas os homens recebiam a educação oficial. Christine tinha consciência de sua situação e frequentemente a questionava em suas obras, para Christine, se as mulheres tivessem as mesmas condições de estudos que os homens tinham, a misoginia teria fim. Christine de Pizan traz em sua escrita opiniões em defesa do seu sexo. Ela questionava a opressão que as mulheres sofriam pelos homens, criticando a literatura e o comportamento dos próprios homens. Como apresentado pela pesquisadora Teresa Forcades, alguns questionamentos sobre a condição feminina estão presentes na obra de Pizan:

O debate aborda os problemas derivados da misoginia e da sua falta de fundamento. O argumento principal é muito claro: se as mulheres estudassem e pudessem se formar como os homens – tal como Pizan, devido a circunstâncias peculiares de sua vida –, a misoginia deixaria de existir. Nos primeiros capítulos da obra, Pizan registra através de vários exemplos, as contradições existentes entre as imagens das mulheres que prevalecem na cultura, na religião e na sociedade, e a experiência que as mulheres têm de si mesmas. Christine de Pizan acredita que esta situação se mantém porque entre as obras que se consideram *auctoritas* (autoridades ou livros de referência necessários) não tem nenhum que tenha sido escrito por uma mulher.¹⁷ (FORCADES I VILA, 2011, p. 52 e 53).

Christine de Pizan foi protagonista da “Querelle des femmes”, querela surgida a partir de um poema seu, intitulado “L’Epistre au Dieu d’Amour” “Carta ao Deus do Amor”. Esse poema foi escrito em 1399, nele, Christine tece inúmeras críticas à segunda parte de um poema bastante conhecido na época: O “Roman de la Rose”. Esta obra é dividida em duas partes, cada parte foi escrita por autores diferentes. A primeira parte do poema foi escrito em 1230 por Guillaume de Lorris. Contando aproximadamente quatro mil versos, ele escreve um poema alegórico influenciado pelas leis do amor cortês. O poema narra o sonho de um poeta que observa uma rosa, tornando-a seu objeto de desejo e por ela empreende uma longa busca que não tem uma conclusão (WUENSCH, 2013, p. 6). A segunda parte do poema foi escrito cinquenta anos depois por Jean de Meung, um clérigo da cidade de Paris. Divergindo do caráter cortês da primeira parte, Jean de Mung escreve mais de dezoito mil versos, em que

¹⁷ El debate versa sobre los problemas derivados de la misoginia y sobre su falta de fundamento. El argumento principal está muy claro: si las mujeres estudiasen y se pudiesen formar como hacen los varones – y tal como, a causa de las circunstancias peculiares de su vida, había podido hacer Pizan –, la misoginia dejaría de existir. En los primeros capítulos de la obra, Pizan deja constancia, a través de múltiples ejemplos, de las contradicciones existentes entre las imágenes de las mujeres que prevalecen en la cultura, la religión y la sociedad, y la experiencia que las mujeres tienen de sí mismas. Christine de Pizan cree que esta situación se mantiene porque entre las obras que se consideran *auctoritas* (autoridades o libros de referencia obligada) no hay ninguna que haya sido escrita por una mujer.

descreve o comportamento do homem e defende ideais misóginos. Segundo Lucimara Leite (2008, p. 90) o livro contribuiu para aumentar a opressão ao sexo feminino, colocando o homem como o único detentor do conhecimento, contribuindo para a exclusão delas ao mundo político e acadêmico.

Christine de Pizan escreve “L’Epistre au Dieu d’Amour” cem anos depois do *Roman de la Rose* ser escrito. A obra em formato de carta é entregue a Jean de Montreuil, secretário do rei e grande defensor da segunda parte do “*Roman de la Rose*”. Seu ato foi criticado pelos intelectuais da época, pois Jean de Meung era um clérigo bastante estudado no século de Christine e de grande prestígio na Universidade de Paris. Jean de Montreuil respondeu a carta de Christine e começou entre eles uma sequência de correspondências sobre a polêmica. Outros também participaram da querela. Ao lado de Christine estavam a Rainha Isabeau de Bavière, o prévot de Paris Guillaume de Tignonville e Jean Gerson, um grande orador da época. Ao lado de Jean de Montreuil estavam Gontier Col também secretário do rei e os universitários de Paris. Ambos os lados escreveram textos sobre o caráter feminino, rendendo a Christine de Pizan uma ampla divulgação do seu nome dentro da corte.

Christine não só inicia a “Querelle des femmes” como também a encerra. Entre 1401 e 1402 ela entrega uma carta a Gontier Col mostrando indisposição em continuar a querela. Depois, ela junta todos os documentos escritos por ela durante a querela e a intitula de *Epistres du débat sur le Roman de la Rose* – “Cartas do debate sobre o Romance da Rosa” –, ela envia a obra para a Rainha Isabeau de Bavière (WUENSCH, 2013, p. 7). Os ideias defendidos por Christine de Pizan durante a querela não se perde com o fim do debate, podemos ver sua militância em defesa das mulheres em várias obras suas, como por exemplo, “A cidade das Damas” que é conhecido atualmente como o seu maior trabalho.

Escrito em 1405, o livro “A Cidade das Damas” traz um debate alegórico entre a personagem Christine e três Damas criadas por Deus, são elas: Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça. As Damas propõem à Christine construir uma cidade para que as mulheres possam lá habitar sem se preocupar com os ataques dos homens. Na figura abaixo vemos uma página do manuscrito escrito por Christine de Pizan, a figura mostra o momento em que o muro da Cidade das Damas está sendo construído:



Figura 4 - Página do manuscrito *A cidade das damas*
 Fonte: PIZAN, 1401-1500.

O livro é dividido em três partes, onde cada parte é chamada de ‘livro’. No Livro Primeiro, as três Damas mostram à Christine exemplos de mulheres que foram grandes estrategistas, filósofas, dirigentes e ótimas Rainhas, desmistificando a visão misógina das mulheres defendidas pelos intelectuais que afirmavam a falta de razão nas mulheres, impossibilitando que elas liderassem qualquer coisa.

Mas, se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova, justamente, o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. (PIZAN, 2012, p. 92)

No Livro Segundo, os muros da cidade estão prontos e a cidade já pode receber suas habitantes. Nesta parte do livro vemos as Damas se voltarem para o mundo privado, ambiente este, próprio às mulheres. Elas mostram à Christine exemplos de mulheres que foram ótimas esposas, mães e filhas. Rompendo com os estereótipos que os homens tinham entre a divisão de trabalho masculino e feminino, inferiorizando a mulher que naturalmente deveria se ater aos cuidados do lar. “As Damas valorizam as mulheres pelos trabalhos e papéis sociais que elas exercem enfatizando a capacidade feminina em exercer vários trabalhos” (DEPLAGNE, 2006, p. 73-74).

No Livro Terceiro, as Damas apresentam à Christine exemplos de mulheres castas e virtuosas, citando mulheres santas. Nesta terceira parte do livro encontramos uma defesa às mulheres pela via espiritual. A Igreja não permitia a presença das mulheres em atividades litúrgicas, pois a mulher é a responsável pelo pecado original, é impura durante vários dias de cada mês, tem uma natureza fraca e débil, sendo assim, não era digna de ocupar esses espaços sagrados. No livro de Christine vemos que o papel que as mulheres têm no ambiente sagrado é o oposto do que é defendido pelos homens de Igreja. Ela afirma que as mulheres permaneceram ao lado de Jesus sendo crucificado enquanto que os homens o abandonaram. Ela também conta que quando Jesus ressuscitou, se mostrou primeiramente a Maria Madalena e não aos seus discípulos, pois segundo ela, Maria Madalena era uma mulher virtuosa e digna de ser vista pelo Salvador, confiando nela para contar a todos da sua volta. Christine defende a ideia de que todos são igualmente dignos do amor de Deus, independente do sexo, pois Deus criou a mulher e o homem e nada que ele criasse poderia ser imperfeito. Como afirma Luciana Deplagne,

A querela das mulheres na obra de Christine de Pizan, como pudemos observar, particularmente em *La Cité des Dames*, não representa uma querela das mulheres contra os homens como se vê na literatura masculina. Trata-se, mais precisamente, da querela das virtudes, da justiça, contra os vícios da humanidade, colocando em evidência as qualidades do sexo feminino, não de maneira arbitrária, a partir de uma divisão biológica de gênero, mas, indo além, em uma representação da questão de gênero como fator existencial. (DEPLAGNE, 2006, p. 75-76)

Christine não só enaltece as mulheres como também traz exemplos de homens que são, para ela, exemplos a serem seguidos. Agindo dessa forma, Christine de Pizan rompe com as práticas de escritores intelectuais que para valorizar um sexo acaba por inferiorizar o outro. Christine não é contra o sexo masculino, ela apenas coloca os sexos em posição de igualdade, sendo o homem e a mulher dignos de receber a mesma educação, ocupar postos de liderança e participar das atividades sagradas.

Christine de Pizan é vista por alguns estudiosos como uma mística, pois ela defende em suas obras concepções próprias acerca do cristianismo. As místicas femininas eram mulheres teólogas que tinham posicionamentos sobre a fé que divergiam da posição da Igreja da época. Muitas místicas foram perseguidas e condenadas, por exemplo, trazemos a Beguina Maguerite Porete, que por suas atitudes, foi condenada à fogueira como herege. As Beguinas não faziam o voto monástico, elas também eram independentes do Clero, se mantendo através das atividades produzidas e vendidas por elas. Essas mulheres foram suportadas pela Igreja em vários momentos por cumprirem papéis sociais tais como cuidar de doentes, pobres, mulheres abandonadas e crianças órfãs. A medida que os beguinários foram

crescendo e as vozes das mulheres místicas representavam um perigo para a Igreja, elas eram consequentemente perseguidas. Sendo assim, as Beguinhas:

As Beguinhas constituem uma página relevante da história das experiências religiosas marcadas por uma espiritualidade vivida no feminino, em pequenas comunidades chamadas “Begijnhof”, “Béguinages”, conforme a região de sua atuação (Flandres, Liège, Bruges, Antuérpia, etc.), animadas por mulheres jovens e adultas, celibatárias, viúvas, algumas casadas, que, organizadas, sobretudo em meio urbano, combinavam uma vida de oração, de trabalho autogestionário com o serviço aos pobres, doentes e pessoas marginalizadas da época, alimentadas por uma espiritualidade singular, de caráter leigo. [...] o Movimento das Beguinhas tinha suas singularidades, tais como: não tinha um santo fundador, não buscava autorização da hierarquia eclesiástica, não tinha uma constituição ou regulamento, não fazia votos públicos, “seus votos eram uma declaração de intenção, não um comprometimento irreversível a uma disciplina imposta pela autoridade, e seus membros podiam continuar suas atividades normais no mundo. (CALADO, 2012, p. 50).

As Beguinhas defendiam a ideia de que não era necessária a presença de uma instituição para estar junto de Deus. A relação delas com Deus era de forma particular e única, logo, elas não precisavam de hierarquias para legitimar sua fé. Christine de Pizan não era uma Beguina, mas compartilhava de algumas ideias defendidas por elas. Sua escrita possuía características que também estavam presentes nas escritas das místicas femininas, tais como: escrever a partir de sua própria experiência, escrever em língua vernácula apesar de conhecer o latim. Objetivo de Christine de Pizan era que todos pudessem ter acesso à sua obra, fazer uso de alegorias para tratar determinados assuntos e possuir temas teológicos em suas obras. Todas essas características podem ser encontradas no livro “A Cidade das Damas”. Christine de Pizan contribuiu significativamente para os estudos sobre discussão de gênero, colocando a mulher em evidência dentro de um ambiente totalmente masculino: o campo intelectual. Muitas outras escritoras sucederam Christine de Pizan nessa empreitada, desconstruindo concepções misóginas sobre o sexo feminino e ou discutindo os papéis sociais atribuído ao sexo feminino em suas épocas, como Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir entre outras. Após vermos a condição feminina na Idade Média e as bases históricas em que o poema foi escrito, bem como a vida e realizações de Joana d’Arc e Christine de Pizan, nos propomos no capítulo seguinte analisar como os escritos femininos foram silenciados ao longo da história e como os Estudos da Tradução contribuem para o resgate dessas vozes, possibilitando a realização de trabalhos nos Estudos de Gênero e nos Estudos Feministas.

3 HISTÓRIA DA ESCRITA DAS MULHERES: VOZES FEMININAS REVISITADAS

Veremos neste capítulo como a história tradicional apagou a escrita feminina, fazendo com que autoras que outrora eram prestigiadas em suas épocas, fossem silenciadas durante séculos e excluídas do cânone literário. E como os Estudos da Tradução contribuem para o resgate de obras escritas por mulheres. Para nossa pesquisa, faremos uso dos trabalhos desenvolvidos pela crítica feminista no Brasil e no exterior. Destacaremos os trabalhos de algumas pesquisadoras do GT da ANPOLL Mulher e Literatura, como: Luciana Deplagne, que desenvolve trabalhos sobre literatura e tradução de obras literárias de autoria feminina da Idade Média até a Modernidade; Norma Telles, que desenvolve pesquisas nas áreas de literatura e crítica feminista e Ria Lemaire, medievalista reconhecida internacionalmente. Bem como as teóricas Régine Pernoud, referência internacional nos estudos sobre a Idade Média e Joan Scott. Também faremos uso dos trabalhos realizados por Massaud Moisés, Roberto Reis e Terry Eagleton acerca da construção do cânone literário.

A história oficial é aquela contada por homens ocidentais, brancos e heterossexuais para os mesmos homens ocidentais, brancos e heterossexuais. Todavia, podemos nos indagar onde estão as mulheres, os negros, os não-ocidentais e os homossexuais? A história oficial sempre minimizou as ações realizadas por esses setores da sociedade, lhes atribuindo a concepção de minorias e às vezes, de inferior. Como tratar de minoria, o sexo feminino, este que compõe a outra parcela da sociedade, chegando inclusive em algumas sociedades, a ser maior que o número de homens? “Dentro do âmbito acadêmico, o enorme avanço sobre a história das mulheres é fruto de ações tomadas pelos pesquisadores e pesquisadoras que tentam colocar as mulheres como sujeitos da história” (SCOTT, 1992 p. 77). Esses avanços se deram graças às ações realizadas por determinados grupos da sociedade, como por exemplo, os movimentos feministas. Estudar a história das mulheres significa pensar também nesses movimentos, pois a inserção dos estudos das mulheres na Academia não se deu de forma natural, foi um ato político reivindicado por todo um grupo social que não se sentia contemplado com a história colocada e estudada, logo,

A história que se pode escrever dos estudos sobre as mulheres pertence também ao movimento; não é uma metalinguagem, e irá atuar, tanto como um momento conservador, quanto como um momento subversivo... não há uma interpretação teoricamente neutra da história dos estudos sobre as mulheres. A história terá aí um papel atuante. (DERRIDA apud SCOTT, 1992, p. 63)

Os movimentos feministas contribuíram significativamente para a inserção das mulheres em diversos espaços que antes lhes eram negados, inclusive, a Academia. “Foi o feminismo que constituiu as mulheres como atrizes na cena pública, o feminismo foi um agente decisivo de igualdade e de liberdade” (PERROT, 2013, p. 162). “A emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve uma evolução do feminismo para as mulheres e depois para o gênero” (SCOOT, 1992, p. 65). A partir das lutas dos movimentos feministas, as mulheres conquistaram direitos como o voto, o direito ao trabalho e o direito ao saber. Apesar de estas conquistas, no meio intelectual, as mulheres recebiam hostilidades dos colegas de trabalho e ou dos professores. Ria Lemaire nos lembra de que muitos intelectuais da universidade desestimulavam o ensino sobre a produção feminina, ela relata uma experiência vivida por ela durante a graduação:

A maioria dos estudantes - 80% dos estudantes do departamento - eram mulheres; o corpo docente era maciçamente masculino. Só uma vez durante toda a minha formação acadêmica no departamento de francês da Universidade de Leyden (Holanda) tive uma mulher docente. As aulas de literatura dedicavam-se exclusivamente a autores masculinos; obras de mulheres eram consideradas pouco interessantes. Preparar um trabalho sobre elas era desaconselhado, ridicularizado ou proibido com o argumento de não ter docente especializado para a orientação do aluno. (LEMAIRE, 2011, p. 48)

Quando o curso de Letras foi criado, em meados do século XIX na Europa, tinha o intuito de formar bons cidadãos e cidadãs da Nação. O pressuposto básico da formação era o da superioridade, do povo e da ciência Europeia (LEMAIRE 2011, p. 47). Ou seja, todos os materiais que seriam usados como conceitos e teorias estariam embasados na concepção de ensino dos intelectuais burgueses europeus. Todos os textos analisados de qualquer cultura e língua seriam analisados a partir de critérios estabelecidos por uma elite acadêmica minoritária. Ora, as consequências de se estabelecer critérios teóricos a partir do pensamento de um determinado grupo social e aplicá-los para todos os outros, são, fatalmente, elevar determinados trabalhos em detrimento de outros. É o que acontece, por exemplo, com a lista de obras canônicas.

Ria Lemaire nos conta (2011, p. 48) que as mulheres tinham uma relação complicada com os estudos das Letras, pois a mulher estudante era exposta a teorias onde discursos misóginos eram comuns. Essas mulheres estudantes aprendiam que as mulheres escritoras eram exceções, que as mulheres eram mais frágeis que os homens e tantos outros discursos essencialistas que encontramos ao longo da história, em relação ao sexo feminino. A autora também afirma que apesar de as mulheres estudarem na graduação, elas não eram preparadas para seguirem uma carreira acadêmica. O estudo para elas eram por assim dizer,

uma forma de *status* para conseguirem bons casamentos e poderem educar seus filhos de forma correta (LEMAIRE, 2011, p. 48). Felizmente essa realidade mudou, hoje temos muitas mulheres que são pesquisadoras renomadas, contribuindo, inclusive para a realização deste trabalho.

Quando nos voltamos para os estudos de produção feminina durante a Idade Média o desestímulo a esses estudos é maior. Mesmo que muitos medievalistas consagrados no mundo acadêmico (como Jacques Le Goff, Georges Duby e Régine Pernoud) tenham se voltado para esse campo, tentando desconstruir uma história masculina, muito ainda está por fazer. “As vozes femininas, em geral, não são encontradas em antologias, nem em livros didáticos ou em componentes curriculares dos programas de Literatura nas escolas e universidades” (DEPLAGNE, 2013, p108). Onde estão esses escritos? Não existiram mulheres escritoras? Graças aos Estudos de Gênero, pudemos conhecer os trabalhos realizados por escritoras durante a Idade Média, mulheres que escreviam de poemas a tratados, em verso e em prosa. O livro “Voix de femmes au Moyen Age” sob a direção da pesquisadora Danielle Régnier-Bohler reúne diversos manuscritos traduzidos para o francês moderno, os textos são obras realizadas por mulheres durante a Idade Média. O livro conta com textos que foram escritos por Christine de Pizan (“La vision de Christine”, “Le livre des trois Vertus” e “Le Ditié de Jehanne d’Arc”), vinte e cinco poemas escritos pelas *Trobairitz*¹⁸, cantos, cartas e extratos do livro “Le livre des oeuvres divines” da mística e beguina Hildegarde de Bingen, extratos da obra “Cette lumière de ma divinité” da também mística e beguina Mechthild de Magdebourg, bem como textos de outras místicas cuja autoria é desconhecida. Esse trabalho dirigido pela pesquisadora Danielle Régnier-Bohler contribui de forma significativa para os estudos de gênero, possibilitando que novos e atuais pesquisadores do campo da literatura possam se debruçar na escrita feminina medieval. Por outro lado, existem também pesquisadores que reescrevem a história literária atribuindo aos homens, escritas que foram realizadas por mulheres. Como vivenciado por Ria Lemaire em uma disciplina de tradução de textos que foram escritos em francês medieval:

Levantei timidamente o dedo: “Professor, não compreendo. Há dois versos que têm um só sujeito: Bela Jolanda abraça e estende. A única tradução possível é: ela estende!” O professor deitou sobre mim um olhar fulminante, releu em voz alta os dois versos e começou a traduzi-los acentuando fortemente cada sílaba: “Be-lle-Jo-lan-de - l’em-bra-sse-étroi-te-ment et il-l’-é-tend sur le lit”. Insisti: “Mas professor, há só um sujeito e há dois verbos, gramaticalmente não é permitido mudar de sujeito; tem que ser ela! Por que é que o senhor...?”. Ele não me deixou terminar e

¹⁸ - Trobairitz são mulheres trovadores

trovejou com um olhar cheio de raiva: “Porque, Ma-de-moi-se-lle, porque as mulheres não fazem ISSO!”.(LEMAIRE, 2011, p. 50)

A situação vivida por Ria Lemaire não é um caso isolado dentro da pesquisa acadêmica. Ela também nos mostra como as cantigas de amigo paralelísticas, que foram produzidas na Idade Média portuguesa, eram conceituadas pela história literária oficial:

Conta a história literária oficial que se trata do gênero das cantigas de amigo paralelísticas, escritas por trovadores nobres que as puseram na boca das meninas do povo rural para elas as cantarem! E conta que são cantigas de mulher, cantigas tristes em que as mulheres cantam a sua dor, infelicidade e sofrimento causados pela ausência do amante que as abandonou. (LEMAIRE, 2011, p. 52)

Ou seja, a literatura oficial percebia as mulheres dentro deste estilo literário como um sujeito passivo, tanto na produção literária, quanto o conteúdo, pois as canções revelariam as tristezas das mulheres que foram abandonadas pelos amantes. Toda a história literária foi baseada nos princípios do patriarcado, onde o homem ocidental dita os parâmetros a serem investigados e seleciona, também, os textos que seriam ou não de boa qualidade estética. A lista de obras canônicas é um exemplo.

Para entendermos o processo de seleção de grandes obras é necessário entendermos o que é o cânone. Para Roberto Reis (1992, p. 70) o cânone significa um perene e exemplar conjunto de obras, os clássicos ou as obras primas dos grandes escritores que são legados como o patrimônio da humanidade. Para Massaud Moisés (2004, p. 65) o cânone designa a lista de obras indispensáveis à formação dos estudantes ou os princípios doutrinários que permeiam uma corrente literária.

Ao pensarmos nas obras que fazem parte do cânone podemos notar a presença majoritária de escritores ocidentais, excluindo assim outras culturas. Mas dentro dos escritores ocidentais existem hierarquias na literatura. Por exemplo, o número de escritores é muito superior ao de escritoras, aos de escritores negros, aos de escritores homossexuais e assim por diante. Portanto, podemos notar que existe uma característica predominante para ascender ao cânone. Logo, o conceito de cânone está diretamente ligado às relações de poder, como veremos a seguir:

[...] por trás de noções como linguagem, cultura, escrita e literatura, mesmo se não as tratarmos (como seria mais indicado) em termos históricos e menos abrangentes, se esconde a noção de poder. Para trabalhar o conceito de “cânon” é importante ter em mente este horizonte, pois o que se pretende, ao se questionar o processo de canonização de obras literárias é, em última instância, colocar em xeque os mecanismos de poder a ele subjacentes. (REIS, 1992, p. 68)

Ler, debater, escolher uma pesquisa, inferir valor a uma obra, entre tantas outras coisas, configuram uma forma de poder, poder este que fazemos em nosso cotidiano sem nos

darmos conta. Como podemos saber os critérios que levam uma determinada obra ao cânone e a exclusão de outras? Quais são os requisitos que tornam um escritor digno de entrar para a seleta lista de obras-primas? Terry Eagleton (1994, p. 17) nos lembra que o julgamento de uma obra é instável, pois todas as obras são lidas e reescritas pelas sociedades que as leem. Sendo assim, toda escrita é produto de determinadas condições históricas e ideológicas. Todavia, alguns críticos literários insistem em afirmar que a escolha das obras literárias que se consagraram no cânone foi puramente de caráter estético. O crítico literário Harold Bloom é um exemplo desses críticos, afirmando inclusive, que esses critérios de valor estético tornaria possível estabelecer uma lista com os melhores escritores e melhores obras de todos os tempos, como a escrita por ele em 1994 (DEPLAGNE, 2013, p. 115). Harold Bloom, como outros críticos literários, exclui o poder ideológico nas escolhas das obras canônicas.

Onde estão essas vozes femininas? Se olharmos ao longo dos séculos criticamente, descobriremos que no mundo literário, muitas mulheres foram escritoras e precursoras de algum estilo ou movimento literário. Christine de Pizan, nos séculos XIV e XV, protagonizou, como vimos, o debate literário “Querelle des femmes” que influenciou inúmeras produções escritas nos séculos posteriores. No século XVIII, Ann Radcliffe foi responsável pelo “gótico feminino”, estilo literário ambientado no terror, predomina neste estilo personagens heroicas femininas. Vejamos o que Norma Telles nos mostra sobre esse estilo literário:

O gótico é para Ann Radcliffe o pretexto para mandar suas heroínas para lugares distantes, em viagens exóticas e excitantes, sem ofender os padrões vigentes. Capturadas pelos vilões, elas agem, porque são forçadas, de maneira que jamais fariam em outras situações. Viajam sozinhas, percorrem labirintos, castelos e ruínas. As viagens internas são igualmente perigosas, um desafio para a capacidade de tomar decisões, contornar a ingenuidade e testar a própria força física. O romance gótico torna-se um substituto feminino para a novela picaresca. Nele, as mulheres participam de todas as aventuras e perigos há longo tempo reservados aos homens na ficção e na vida.” (TELLES, 1992, p. 51-52).

De acordo com Telles (1992, p. 52) Mary Wollstonecraft, tendo Ann Radcliffe como inspiração, recria um ambiente de terror dentro da literatura: o asilo, que influenciará inúmeros escritores. Mary Shelley, sua filha, cria um mito original, o “Frankenstein”. Ela também foi precursora da ecologia moderna, explorando zonas proibidas como símbolos de uma vida gerada artificialmente pela ciência. O patriarcalismo deixou suas raízes na história literária ocidental. Se analisarmos as inúmeras listas de obras canônicas para a modernidade, veremos que a presença de obras escritas por mulheres será insignificante perto da produção masculina. Quando nos detemos sobre a literatura medieval, vemos que o espaço para produções realizadas por mulheres é ainda mais restrito. É pouco comum as produções

femininas serem descritas em antologias, enciclopédias e livros. Luciana Deplagne questiona a fala de Duby quando este afirma em seu livro *Idade Média, Idade dos Homens. Do amor e outros ensaios* que não conhece as vozes femininas, precisando de esforços para poder entender como eram as mulheres medievais:

Como podem ecoar, todavia, vozes que possivelmente não existiram, pois até mesmo o reconhecido medievalista francês, talvez o de maior prestígio no Brasil, vinculado à escola dos Annales, com seus princípios de renovação da História, confessa as ter procurado sem obter êxito? (DEPLAGNE, 2013, p. 108)

Apesar da pouca visibilidade que essas vozes recebem dentro dos Estudos Medievais, elas não foram de todo silenciadas. Graças aos esforços de pesquisadores voltados ao resgate e debates a cerca da produção feminina, podemos contatar um número animador de trabalhos voltados a essa produção. A revista da ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) possui dezesseis volumes publicados e apenas sete artigos voltados para a produção feminina. Luciana Deplagne em seu artigo “Tradução de textos medievais de autoria feminina: uma ponte necessária para repensar a Idade Média” (2013) conta que ao analisar as notícias nacionais presentes no jornal eletrônico da ABREM, ela constatou a existência de atividades acerca da produção feminina no medievo. Entre essas atividades, se destacam dois Grupos de Estudos que visam promover o sexo feminino dentro da Idade Média. Em julho de 2015 tivemos o XI Encontro Internacional de Estudos Medievais, que dispôs de conferências, minicursos e vinte sessões de mesa-redonda. Dentre as sessões de mesa-redonda, duas sessões eram voltadas para a mulher no medievo (sua escrita e condição social). Felizmente, o número de trabalhos, simpósios, seminários entre outros eventos acadêmicos com enfoque na produção feminina no medievo aumentou de forma significativa. Tivemos no mesmo ano o III Seminário de Estudos Medievais Da Paraíba e a II Jornada Gênero E Literatura e que contou com vários trabalhos sobre a produção feminina na Idade Média, tendo um Eixo Temático sobre a escritora Christine de Pizan.

Apesar desse número animador, as produções a cerca de obras realizadas por mulheres na Idade Média é inferior aos estudos realizados das produções de obras masculinas. Uma possível explicação para a pouca produção a cerca da escrita feminina medieval é devido a poucas traduções em língua moderna desses manuscritos. Essa ideia é defendida por Régine Pernoud quando ela afirma que

Uma boa parte da produção literária da Idade Média está ainda em estado de manuscrito, enterrada nas nossas bibliotecas, enquanto se reeditam sem cessar as mesmas obras. É necessário dizer que existe aí falta de curiosidade? O erro caberia mais aos nossos métodos de história literária que, aplicados à literatura da Idade Média, nos obstruíram consideravelmente. (PERNOUD, 1996, p. 108)

Veremos a seguir como as traduções de obras literárias contribuíram para a construção e rediscussão de um novo cânone e como essas obras em especial, as traduções de obras escritas por mulheres no medievo, possibilitaram que novos trabalhos na área de gênero pudessem ser realizados.

3.1 A TRADUÇÃO COMO RESGATE DAS OBRAS DE AUTORIA FEMININA

O Brasil é um país que possui uma produção muito extensa na área de tradução de obras literárias. Segundo uma pesquisa realizada por Marta Dantas, pesquisadora na área de Tradução e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba. Entre os anos de 1984 e 2002, 39 mil traduções foram publicadas no Brasil. Esse número só aumenta, em 2010 o mercado editorial brasileiro cresceu muito e o número de leitores aumentou em 150% (PEREIRA, 2013, p. 87). Apesar destes índices animadores, o interesse pela tradução de textos literários, ainda é voltado para a tradução de clássicos da literatura. Por outro lado, temos pesquisadores que contribuem para a desconstrução do padrão estético literário, erudito e ocidental da literatura, possibilitando uma nova percepção de mundo e criação artística social. Grupos políticos como os movimentos feministas e outros grupos de minorias em conjunto com os Centros e Departamentos de Estudos Culturais e de Estudos da Tradução, também contribuíram significativamente para que esse novo pensar literário pudesse ser desenvolvido. A tradução pode contribuir para que estudos de obras literárias não canônicas sejam difundidos dentro de uma determinada sociedade, pois:

A tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário. Desdenhada como tal por sua aparente neutralidade, ela é, contudo, a via de acesso principal ao universo literário para todos os escritores “excêntricos”: é uma forma de reconhecimento literário e não uma simples mudança de língua, puro intercâmbio horizontal que se poderia (deveria) quantificar para tomar conhecimento do volume das transações editoriais no mundo. (CASANOVA, 2002, p. 169)

A tradução fornece meios para que uma determinada sociedade tenha acesso a diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto, contribuindo inclusive, para sua concepção de mundo. Para Andréa Costa (2013, p. 01) a tradução possui aspectos positivos quando esta contribui para a propagação da literatura, da ciência e ajuda a expandir ideias para outras nações do mundo, mas também pode servir para fins econômicos e ideológicos, podendo inclusive ser um produto de manipulação por diversos segmentos da sociedade. A tradutora do árabe para o italiano, Elisabetha Bartuli, em depoimento no documentário *Tradurre* (2008) afirma que quando ela traduz, ela dá voz para um determinado grupo social.

Ela afirma também que o ato de traduzir deve ser realizado de forma séria, pois se danos forem realizados dentro desta tradução, não só a obra literária estaria afetada, mas toda uma percepção de mundo (BLUME E PETERLE, 2013, p. 12).

Vejamos alguns exemplos de como a tradução influencia a cultura local ao qual ela foi inserida. Luise Von Flotow nos mostra o caso da tradução de uma compilação de excertos bíblicos intitulada *An Inclusive-Language Lectionary*. Segundo a pesquisadora, a equipe responsável pela tradução e editoração deste livro objetivava novas compreensões sobre a mulher na sociedade. A tradução feita a partir dos textos escritos em fontes antigas constatou que Eva “Havva” é feita a partir da terra tirada ao lado do Adão e não de sua costela (FLOTOW, 2013, p. 172-173). Essa descoberta contribuiu para desconstruir, por exemplo, séculos de inferioridade da mulher em relação ao homem. Nas palavras de Flotow:

Ao longo das centenas de séculos de adaptação e tradução em culturas patriarcais agressivas, esses detalhes foram desaparecidos, escondidos e perdidos, de forma que sistemas sociais e políticos inteiros puderam ser fundados na natureza “secundária” das mulheres, vindas em segundo lugar na Criação, derivadas do corpo de Adão, o primeiro humano, e assim sucessivamente. Isso é algo que Stanton já havia traçado no fim do século 19; ela viu esse discurso religioso patriarcal como a fundação dos discursos políticos que privaram as mulheres do voto e, no Canadá, do *status* de “pessoas” até 1929. (FLOTOW, 2013, p. 173).

Quando pensamos em tradução literária não podemos deixar de lado essas relações de poder, que neste caso podem ou não estar relacionados ao tradutor. É importante termos em mente que o ato de traduzir não é necessariamente uma atividade unicamente do tradutor, mas na grande maioria das vezes este processo envolve diferentes membros e aspectos: editoras, livrarias, clientes e sobretudo a cultura local. Como nos afirma Luise Von Flotow:

Nenhuma tradução é produção somente do/a tradutor/a. Por um lado, o texto fonte e o/a autor/a estão envolvidos: eles/as tornam-se mais ou menos significativos ou úteis em momentos diferentes numa cultura, mais ou menos interessantes para traduções e retraduições; editoriais e editores/as estão envolvidos; assim como há financiadores dispostos a pagar pelo trabalho e, finalmente, há diagramadores/as e tipógrafos/as que criam o produto final e podem mudar um texto. A tradução nunca é responsabilidade unicamente do/a tradutor/a; ela é uma colaboração. (FLOTOW, 2013, p. 171-172)

Para exemplificarmos como uma determinada tradução pode moldar valores e percepções de uma sociedade, vejamos o depoimento da pesquisadora Luise Flotow sobre a retradução realizada da Bíblia:

Essa *Bible 2001* foi produzida não só com propósitos feministas, mas, de forma mais geral, para levar em consideração as mudanças na língua francesa, e especialmente sua linguagem literária, no século 20. Entretanto, nesse processo, foram feitas

muitas descobertas similares àquelas em inglês. Historiadores/as bíblicos/as trabalhavam junto a escritores/as francófonos/as, e equipes editoriais avaliavam os textos que eram produzidos; foi essa outra colaboração gigantesca que descobriu, por exemplo, não haver menção ao termo “virgem” para a mãe de Jesus nos textos em grego antigo do Novo Testamento. Em consequência, ela é referida como “la jeune fille”¹⁹ ou “la jeune femme”²⁰ – uma mudança que, hoje, pode ser amena e desconsiderada. No entanto, por centenas de anos, essa pseudocondição de “virgindade” existiu, sendo constantemente imposta para aterrorizar mulheres reais e depreciar e macular sua sexualidade humana. (FLOTOW, 2013, p. 173-174)

Esse estudo pôde mostrar como determinadas escolhas do tradutor pode influenciar a cultura de uma sociedade. No exemplo exposto, trata-se de um texto doutrinador, ou seja, ele por si só carrega ideologias políticas, agora imaginemos as consequências de uma tradução que possibilitou perseguições ao sexo feminino? O ato de traduzir está inserido dentro destas relações de poder e que a própria tradução não é um produto exclusivo do tradutor. Em conjunto ou acima deste profissional, as editoras também participam do processo da tradução, às vezes, prejudicando-a. Flotow (2013, p. 174-175) nos apresenta um exemplo de como a editora pode interferir nas traduções. Ela mostra como a tradução do livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, realizada em 1953 pela editora Knopf de Nova York foi criticado pelas feministas nos anos de 1980-90, sendo mais tarde retraduzido por Constance Borde e Sheila Malovany-Chevalier em 2009. Segundo o estudo realizado por Anna Bogic, a primeira tradução inglesa continha cortes da obra francesa, ela também chegou a conclusão de que o editor Knopf tomou decisões com relação à tradução, seu objetivo era fazer com que a obra fosse de fácil compreensão para leitores comuns. Nas palavras de Flotow (2013, p. 175) “transformar o trabalho de Beauvoir de manifesto pioneiro da filosofia feminista e história das mulheres em um manual sexual nivelado por baixo”.

Sendo a tradução um produto coletivo, trazemos os seguintes questionamentos: quais são os critérios para a escolha da tradução? Existem argumentos para se traduzir uma determinada obra e outra não? Essas perguntas nos fazem pensar no que abordamos antes: o cânone literário. Não é coincidência que grande parte das obras literárias traduzidas pertença ao cânone. Seja pela facilidade na venda por parte das editoras, seja pelo fácil acesso ou até mesmo comodidade aos tradutores. O valor da tradução não depende somente da posição das línguas e sim da posição dos autores traduzidos, bem como dos tradutores (CASANOVA, 2002, p. 169), para uma editora que objetiva vender e obter lucro é corrente a prática de tradução de obras canônicas.

¹⁹ - Jovem garota.

²⁰ - Jovem mulher.

Anderson Pereira (2013, p. 99-103) fez um levantamento de obras francesas traduzidas para o Brasil, bem como a influência e decisões do tradutor no processo de tradução em grandes, médias e pequenas editoras brasileiras. Segundo o autor, essa influência se modifica em decorrência do porte da editora, quanto maior a editora for, menor é o poder de decisão do tradutor. Em relação ao estilo de obras traduzidas, notou-se que há uma tensão entre as esferas mercadológicas e simbólicas dentro das editoras no Brasil, mas que há uma tendência por se traduzir livros de grande vendagem:

A partir das vozes dos responsáveis pelas editoras, não se evidencia preponderância marcante de um critério sobre outro; pelo contrário, evidencia-se uma tensão. Ainda que alguns expressem uma preocupação com critérios de ordem simbólica em oposição à lógica mercadológica, seus discursos vêm permeados de elementos que apontam para a necessidade (cada vez mais presente) de uma boa performance na venda dos livros. (PEREIRA, 2013, p. 99-100)

Já Maria Teresa Rafael (2013) fez um estudo sobre a tradução de obras língua francesa no Brasil e constatou que dentro desse grupo, a grande maioria das obras foi escrita nos países europeus de língua francesa (Suíça, Bélgica, França) incluindo algumas produções do Canadá. Países que têm como língua oficial a língua francesa, mas que não estão inclusos nos países anteriormente citados, poucos têm influência no mercado de tradução do Brasil. A produção de escritores como Fatou Diome e Leopold Senghor (Senegal), Aimé Césaire e Raphaël Confiant (Martinica) e Assia Djebar, Boualem Sansal e Mohamed Kacimi (Argélia) para exemplificar alguns escritores que são esquecidos pela indústria da tradução brasileira (RAFAEL, 2013, p. 59). Esse estudo mostra como as relações de poder podem influenciar na escolha do que vai ser lido e inevitavelmente, traduzido. Como nos lembra Bourdieu:

tendo em vista que o livro, objeto de dupla face, econômica e simbólica, é ao mesmo tempo mercadoria e significação, o editor é também um personagem duplo, que deve saber conciliar a arte e o dinheiro, o amor pela literatura e a busca do lucro, em estratégias que se situam em algum lugar entre os dois extremos, a submissão realista ou cínica às considerações comerciais e a indiferença heroica ou insensata pelas necessidades da economia. (BOURDIEU, 1999, p. 16)

Graças a iniciativas de editoras independentes, muitos livros que são marginalizados dentro da indústria cultural puderam ser publicados, é o caso da editora Estação Liberdade, que possui uma coleção intitulada Latitude. Dentro desta coleção é possível encontrarmos obras literárias oriundas de diferentes países, muitos deles não pertencentes ao grupo de países dominantes, como Costa do Marfim e Afeganistão. (RAFAEL, 2013, p. 62) Felizmente, existe um número crescente de tradutores que estão empenhados em resgatar obras que não pertencem ao cânone e trazê-las para a comunidade para que possam ser lidas, debatidas e estudadas, como por exemplo, Eloá Jacobina, Marcelo

Cavallari, Luciana Deplagne, entre outros. Afinal, uma das ações promovidas pela tradução é possibilitar o acesso de uma determinada cultura por povos de culturas diferentes. debate entre os agentes no qual ela é inserida. Imaginemos quantos debates e estudos de obras literárias que só foram acessíveis em consequência das traduções realizadas?

Muitos trabalhos e estudos acerca das produções femininas só puderam ser realizados graças ao empenho de tradutores e tradutoras envolvidos no resgate dessas vozes, como vimos anteriormente, a tradução da Bíblia realizada por tradutores e editores feministas é um exemplo disso. “Os últimos quarenta anos no movimento de mulheres, nas políticas feministas e na produção acadêmica feminista têm sido fortemente afetados pela tradução: não só nos países anglófonos, mas em todo o mundo.” (FLOTOW, 2013, p. 169). Voltando para os estudos medievais, o número de traduções de obras escritas por mulheres é extremamente restrito. Luciana Deplagne (2013, p. 126) elencou todos os trabalhos realizados por mulheres medievais que haviam sido traduzidos para a língua portuguesa até então: “Consciência inspirada do século XII” de Hildegard Von Bingen, traduzida por Eloá Jacobina; “Livro da vida” de Teresa D’Ávila, traduzida por Marcelo Musa Cavallari; “Obras Completas” também de Teresa D’Ávila, traduzida por Adail Ubirajara Sobral e Outros; “Deus, Amor e amante” de Hadewich de Amberes, traduzida por Roque Frangiotti; “O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor” de Marguerite Porete, traduzida por Silvia Schwart; “A Cidade das Damas” de Christine de Pizan, traduzida por Luciana Calado Deplagne; “O livro das três virtudes” também de Christine de Pizan, é uma edição crítica de Maria de Lourdes Crispim da tradução portuguesa anônima e “Lais” de Maria de França, traduzida por Antonio Furtado. Até a realização desse trabalho o número de traduções não mudou muito, acrescentamos à essa lista duas obras: a tradução para o português de Portugal da obra *La Cité des Dames* de Christine de Pizan, intitulada “Cidade das Mulheres”, traduzida por Ana Nereu e “Flor Brilhante” de Hildegard Von Binge, traduzida por José Tolentino de Mendonça.

Como podemos observar, de tudo o que já foi produzido pelas mulheres durante a Idade Média Ocidental, apenas dez obras foram traduzidas para a língua portuguesa. Há muito por fazer, muitos manuscritos estão guardados, esperando para serem traduzidos. Deplagne (2013, p. 113-114) mostra como a tradução das principais obras de Christine de Pizan para o francês moderno, nos anos 80 do século XX, possibilitou que outras traduções fossem realizadas, desta vez para as línguas espanhola, catalã, italiana e portuguesa. A partir destas traduções, muitos trabalhos sobre a autora puderam ser realizados, como dissertações, teses e artigos, bem como a criação da Sociétés Christine de Pizan que impulsionou colóquios

internacionais sobre a escritora. É importante ressaltarmos que a tradução como resgate da escrita de textos medievais, em sua grade maioria, aos textos escritos por mulheres, pois a produção masculina sempre esteve presente na história literária. Concordamos com Deplagne quando ela afirma:

Vale salientar que, se a tradução para o francês moderno das obras de escritoras medievais constitui o marco desencadeador para seu (re)conhecimento nas letras francesas, tal procedimento não foi um recurso determinante para a consagração de vários escritores medievais, cujas obras sempre fizeram parte da historiografia literária não só francesa, mas universal, como é o caso de François Villon, Chrétien de Troyes, Adam de la Halle, entre outros. (DEPLAGNE, 2013, p. 115)

Grande parte da produção medieval, especialmente a feminina, ainda está em manuscritos, carecendo de pesquisadores da área de tradução para fazer o resgate dessas obras. Muitas obras do acervo de Christine de Pizan já tiveram traduções realizadas, possibilitando estudos sobre seus textos. Apesar dos avanços, há muito por ser feito. Uma busca nos *Archives de Littérature du Moyen Âge* (ARLIMA) nos mostra que quarenta e nove obras de Christine de Pizan sobreviveram ao tempo, dessas, apenas vinte e três possuem traduções para línguas modernas. Eis a lista de todas as obras que foram traduzidas, seus tradutores e o idioma-alvo:

QUADRO 1

Lista das obras de Christine de Pizan que foram traduzidas, seus idiomas-alvos e seus tradutores

Obra	Língua	Tradutor
<i>Les cents ballades</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Les cents ballades d'amant et de dame</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Espanhol	Evelio Miñano (2011)
	Italiano	Anna Slerca (2007)
<i>Autres balades</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>L'epistre au dieu d'Amours</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Alemão	Maria Stummer (1987)
<i>L'epistre d'Othea</i>	Inglês	Stephen Scrope (1970)
		Jane Chance (1997)
		Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Francês	Hélène Basso (2008 -2009)
<i>Les epistres sur le</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee

<i>Rommant de la Rose</i>		(1997)
	Francês	Virginie Greene (2006)
<i>Les quinze joyes Nostre Dame</i>	Inglês	Glenda Wall (1985)
<i>Le chemin de longue estude</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Francês	Andrea Tarnowski (2000)
<i>La mutation de Fortune</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Le dit de la pastoure</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Une epistre a Eustace Morel</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Les fais et bonnes meurs du sage roy Charles V</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Espanhol	Raquel Florensa (2012)
	Italiano	Virginia Rossini (2010)
	Francês	Thérèse Moreau e Éric Hicks (1997)
<i>La cité des dames</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
		Earl Jeffrey Richards (1982)
		Rosalind Brown-Grant (1999)
	Alemão	Margarete Zimmermann (1986)
	Francês	Thérèse Moreau e Éric Hicks (1986)
	Sueco	Anna-Karin Malmström-Ehrling (1998)
		Jens Nordenhök (2012)
	Português	Luciana Deplagne (2006)
		Ana Nereu (2007)
<i>Le duc des vrais amans</i>	Italiano	Caraffi e Richards (1997 – 1998)
	Inglês	Laurence Binyon e Eric MacLagan (1908)
	Nadia Margolis (1991)	
<i>L'avision de Christine</i>	Espanhol	Evelio Miñano (2014)
	Francês	Dominique Demartini e Didier Lechat
<i>Le Tresor de la Cité des dames</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
		Glenda McLeod (1993)
		Glenda McLeod e Charity Cannon (2005)
	Francês	Anne Pauper
<i>L'espistre a la reine</i>	Inglês	Charity Cannon Willard (1989)
		Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
		Sarah Lawson (1985 e 2003)
	Alemão	Claudia Probst (1996)
	Francês	Liliane Dulac (2006)
	Português	Maria de Lourdes Crispim (1995)
<i>L'espistre a la reine</i>	Sueco	Anna-Karin Malmström-Ehrling (1998)
	Francês	Éric Hicks e Thérèse Moreau (1997)

<i>de France</i>		
<i>Le livre du corps de Policie</i>	Inglês	Kate Langdon (1994) Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Les fais d'armes et de chevalerie</i>	Inglês	Summer Willard (1999)
<i>Les lamentacions sur les maux de la France</i>	Inglês	Josette Wisman (1985) Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Le livre de la paix</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997) Karen Green, Constant Mews e Janice Pinder (2008)
	Italiano	Bianca Garavelli (2007)
<i>L'epistre de la prison de vie humaine</i>	Inglês	Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
<i>Le ditié de Jehanne d'Arc</i>	Inglês	Angus Kennedy e Kenneth Varty (1974, 1975 e 1977) Renate Blumenfeld-Kosisnki e Kevin Brownlee (1997)
	Francês	Margaret Switten (2006)
	Italiano	Patrizia Caraffi (2013)

Ao observar o quadro acima, podemos observar que a maioria das obras de Christine de Pizan foram traduzidas nos anos 90 e 2000. Dentre essas traduções, apenas três foram traduzidas para a língua portuguesa. Apesar de ser um número extremamente pequeno, essas traduções impulsionaram vários artigos, trabalhos e encontros acadêmicos relacionados à vida e à obra de Christine de Pizan. Traremos a seguir um quadro das produções sobre Christine de Pizan realizadas no Brasil em que seus autores utilizaram as traduções dessas duas obras em língua portuguesa como base para o seu trabalho. Devemos ressaltar que alguns dos pesquisadores elencados a baixo também leram traduções modernas em outras línguas dos livros *La Cité des Dames* e *Le livre des trois vertus* de Christine de Pizan. Utilizamos a palavra-chave “Christine de Pizan” como busca na Plataforma Lattes, pois não obtivemos êxito no Banco de Tese da Capes e nem na Biblioteca Nacional do Brasil. O número de produções ligados ao nome de Christine de Pizan fornecido pela Plataforma Lattes é superior ao listado nesse trabalho, contudo, não temos a intenção de comentar toda a produção acerca de Christine de Pizan realizada no Brasil e sim mostrar o impacto que as traduções de suas obras exercem na Academia, para isso, escolhemos os trabalhos em que constam em suas referências bibliográficas essas traduções.

QUADRO 2

Trabalhos realizados a partir das traduções das obras de Christine Pizan

Tradução	Trabalho
Luciana Calado Deplagne	FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Apologia da mulher na literatura medieval: o caso Christine de Pizan. Série Estudos Medievais Intertextualidades , n. 4, Salvador, 2015.
	GOMES, Josiene Laurentino. A Estética das Virtudes : a relação entre beleza e virtude na obra <i>A Cidade das Damas</i> de Christine de Pizan. Monografia (Graduação em Filosofia), Universidade de Brasília.
	NERI, Christiane Soares Carneiro. Feminismo na Idade Média: conhecendo a cidade das damas. Revista Gênero & Direito . v. 2, n. 1, p. 68-85, 2013.
	RUBIN, Anderson Cardoso. Razão, Retidão e Justiça : a questão do conhecimento em <i>A Cidade das Damas</i> de Christine de Pizan. Monografia (Graduação em Filosofia), Departamento de Filosofia, UnB, 2014.
	SILVA, Daniel Eduardo da Silva. O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan : <i>A Cidade das Damas</i> . Dissertação em andamento (Mestrado em Letras), UFPB, 2016.
	SILVA, Daniel Eduardo da Silva. O pioneirismo feminista em Christine de Pizan : <i>A Cidade das Damas</i> . Monografia em andamento (Graduação em Letras), UFPB.
	VARGAS, Andrea Quilian de; UMBACH, Rosani Ketzer. A cidade das damas no campo movediço da literatura comparada e dos estudos feministas. Cadernos do IL , Porto Alegre, n. 51, dez. 2015. p. 203-220.
	VASCONCELOS, Lauryane Mayra Leitão. <i>A Cidade das Damas</i> : virtudes e perfis femininos na cultura escrita das damas medievais. Anais... II Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas , UECE, 2014.
Edição de Maria de Lourdes Crispim	WUENSCH, Ana Míriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar? Revista Graphos , João Pessoa, v. 15, n. 1, 2013.
	KARAWCZYK, Mônica. “Indivíduo” na Idade Média ?! Um estudo de caso: a obra <i>O Espelho de Cristina</i> de Christine de Pisan. História, imagem e narrativas . n. 4, ano 2, abr. 2007.
	LEITE, Lucimara. Transcrição do livro <i>O Espelho De Cristina</i> : uma pequena amostra. Revista Signum , v. 15, n. 1, 2014.
	LEITE, Lucimara. Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação . Tese. (Doutorado em Língua e Literatura Francesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2008.
	MENDONÇA, Manuela. O espelho de Christina (séc. XV). História

Revista, v. 18, n. 1, 2013.

SOUZA, Daniele Shorne de Souza. **A cidade das damas e seu tesouro: o ideal de feminilidade para Cristina de Pizan na França do início do século XV**. Dissertação (Mestrado em História) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2013.

Ana Nereu

CORREIA, Licínia Maria da Trindade. **A Insinuação das Damas – Formas de Poder Feminino no século XV** (O caso de Isabel de Lencastre). Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2013.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos Santos. O Ideal Moralizante em Christine de Pizan: Uma análise da Cidade das Damas. In: *Anais/ IX Semana de História Política/ VI Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade*, 2014, RIO DE JANEIRO. **Anais IX** Semana de História Política/ VI Seminário Nacional de História: Política, Cultura e Sociedade. RIO DE JANEIRO: UERJ, PPGH, 2014. p. 386-397.

SANTOS, Anna Beatriz Esser dos Santos. A construção e apropriação das ideias de moral feminina em Christine de Pizan: uma perspectiva comparada. In: *XI Simpósio de História Comparada*, 2014, RIO DE JANEIRO. **Anais do XI** Simpósio de História Comparada. Rio de Janeiro: PPGHC, 2014. p. 93-97.

A tradução da obra *La Cité des Dames* realizada pela professora Dra Luciana Calado Deplagne possibilitou a criação de dois Grupos de Pesquisas. O grupo intitulado “Christine de Pizan: A Cidade das Damas, leituras multidisciplinares” é coordenado pela própria tradutora e é composto por pesquisadoras de diferentes instituições universitárias do Brasil. O Grupo de Pesquisa tem como objetivo desenvolver pesquisas na área de Gênero e História das mulheres, com o intuito de divulgar a autora. O Grupo intitulado “Misoginia e elogio da mulher na Idade Média estudo e apresentação de textos fundamentais” é coordenado pelo professor da Universidade Federal de Goiás, Pedro Carlos Louzada Fonseca. O grupo que iniciou em 2016 tem como objetivo abordar textos e autores antifeministas medievais, do século XII ao começo do século XV. O grupo traz obras de escritoras medievais que confrontam pensamentos misóginos da época, trazendo para suas pesquisas a obra “Cidade das Damas” de Christine de Pizan.

Outras produções referentes ao livro “A Cidade das Damas” merecem ser lembradas. A professora Ana Míriam Wuensch, vinculada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, realiza cursos abertos a todos os alunos matriculados na

Universidade de Brasília. O curso intitulado “Christine de Pizan, aprendiz e mestra da Cidade das Damas” também é disciplina oferecida pelo curso de Filosofia da instituição. O curso disponibiliza aos seus participantes uma gama de trabalhos realizados sobre a obra, fomentando debates e produções sobre a autora. A Universidade Federal da Paraíba também está na empreitada de divulgar os trabalhos de Christine de Pizan. Recentemente a universidade sediou o III Seminário de Estudos Medievais da Paraíba e a II Jornada Gênero e Literatura, realizado nos dias 10 e 11 de junho de 2015, contou com pesquisadores nacionais e internacionais e teve um Eixo Temático e um Mini-Curso dedicados a Christine de Pizan.

Como podemos observar, mesmo com poucas obras de escritoras medievais traduzidas, podemos ter, mesmo que inicialmente, seus escritos sendo novamente estudados. Acreditamos que o resgate dessas obras através de suas traduções elevará os debates centrados na Idade Média possibilitando um leque de informações aos pesquisadores brasileiros. No capítulo a seguir faremos uma análise do poema *Le Ditié de Jehanne d’Arc* defendendo sua epicidade, também apresentaremos nossa tradução do poema para a língua portuguesa e em seguida mostraremos nossas justificativas tradutórias.

4 “O DITIÉ DE JOANA D’ARC”: UM ÉPICO FEMININO

Neste terceiro capítulo iremos analisar o poema “O *ditié* de Joana d’Arc” mostrando sua estrutura e enredo, defendendo sua epicidade à luz de Aristóteles, Christina Ramalho e Luciana Deplagne. Na segunda parte deste capítulo apresentaremos nossa tradução do poema para a língua portuguesa da edição realizada por Henri Herluison em 1865. A presente edição está disponível digitalmente na Biblioteca Nacional da França, em Paris. Na terceira e última parte deste capítulo, iremos descrever criticamente nossas decisões sobre o processo tradutório. Para isso, faremos uso das teorias dos Estudos da Tradução com um viés cultural trazido por Marcela Iochem Valente, Rosvitha Blume, Patrícia Peterle, Antoine Berman, Lawrence Venuti e Javier Franco Aixelá.

O poema “*Ditié* de Jehanne d’Arc” foi a última obra produzida por Christine de Pizan, ela o escreve dentro de um convento em Poissy, onde morava há onze anos. O poema foi escrito em 1429, um ano antes de ela falecer. A autora traz em seu poema, reflexões sobre a Guerra de Cem Anos, o desejo de paz, a devoção divina, a defesa da união nacional e a valorização feminina (DEPLAGNE, 2014, p. 220). Utilizando o conceito de “ação una” nos moldes aristotélicos²¹, Christine de Pizan não poetou toda a Guerra de Cem Anos. Pois, se para Aristóteles poetar os nove anos da Guerra de Tróia perderia a noção do todo, por se tornar extensa em demasia, narrar a Guerra de Cem Anos seria mais exaustivo ainda e poderia perder assim o enfoque que a autora queria dar à personagem feminina. Não teria uma unidade poética que pudesse ser compreensível. Afinal, estamos tratando de poesia e não de um relato histórico.

Deste modo, o poema conta a trajetória de Joana d’Arc desde o momento em que ela encontra o rei Charles VII, pedindo o auxílio dele para expulsar os ingleses dos territórios franceses, passando pelas retomadas das cidades à coroa francesa até o momento da coroação de Charles VII na cidade de Reims. Christine de Pizan escreve o poema no calor da guerra, ela, contemporânea de Joana d’Arc, pôde contar os feitos heroicos da *Pucelle*, sendo reconhecida como a primeira autora a escrever uma obra em homenagem à Joana d’Arc com

²¹ Conceito de unidade de ação segundo Aristóteles: “Por conseguinte, tal como é necessário que nas demais artes miméticas una seja a imitação, quando o seja de um objecto uno, assim também o mito, porque é imitação de acções, deve imitar as que sejam unas e completas, e todos os acontecimentos se devem suceder em conexão tal que, uma vez suprimido ou deslocado um deles, também se confunda ou mude a ordem do todo. Pois não faz parte de um todo o que, quer seja quer não seja, não altera esse todo.” (ARISTÓTELES, p. 115).

ela ainda viva. Contudo, devemos ressaltar que outros escritores escreveram textos sobre Joana d’Arc, como nos afirma Luciana Deplagne (2014, p. 220-221), dezoito tratados foram escritos sobre a *Pucelle*, dentre esses, quatro foram antes dela ser capturada. Esses quatro são “De adventu Johanne” de Jacques Gélú, “De quadam puella” de Henri de Gorkum, “Ospusculum super facto puelle” de Jean Gerson e “Breviarum historiale” de Jean Dupuy. Diferente de Christine de Pizan, nas quatro obras, os autores olharam com desconfiança o papel social que Joana D’Arc desempenhou na guerra.

Era notório para alguns contemporâneos de Joana d’Arc que ela lutava por uma causa justa, o problema consistia na forma em como ela as executava. Ela transgrediu todos os papéis que deveriam ser desempenhados por uma mulher. Vestiu-se de homem, liderou um exército e se dizia ser enviada por Deus. No “Processo de Joana d’Arc” relatado por George Duby e a sua esposa, Andrée Duby (1973, p. 38), vemos que Joana d’Arc teve duas sentenças, uma em consequência da outra. A primeira, por ter se afastado da fé verdadeira (para os clérigos de Rouen, Joana tinha se afastado de seus deveres como uma boa cristã) e, por isso, ela teria que levar uma vida de penitência, largando as roupas masculinas. Contudo, Joana d’Arc se recusou larga-las e, consequentemente, foi entregue à justiça secular inglesa que a sentenciou novamente, desta vez à fogueira.

Séculos depois de sua morte, escritores moldaram a personalidade de Joana d’Arc de acordo com suas opiniões. Ora detestando-a, ora venerando-a. Em 1570 o escritor Girad Haillan escreve “De l’Etat et mercy des affaires de France”, uma obra que defende a ideia que Joana tenha sido amante ou do senhor de Baudricourt, ou de Dunois, o bastardo de Orléans. Em 1802 o vice-prefeito de Bergerac, Pierre Caze, defendeu a tese de que Joana foi uma filha adulterina entre a Rainha Isabeau de Bavière com Louis d’Orléans, logo, uma irmã bastarda do rei Charles VII (BRUNEL, 2005, p. 532-533). Escritores como François Villon em “Ballade des Dames Jadis” (1461), os Duques de Borgonha em “Chronique de Lorraine” (1480) e Alain Bouchard em “Mirouer des Femmes vertueuses” (1546) escreveram obras louvando as ações de Joana, uns inclusive, creditando à *Pucelle*, as vitórias na guerra de antes e depois do ano de 1431 (BRUNEL, 2005, p. 532-533).

Retornemos ao *Ditié* escrito por Christine de Pizan. O poema escrito em língua vernácula possui sessenta e uma oitavas, versos octossilábicos e rimas “ababbcbc”. Alguns pesquisadores mostram dificuldades em definir esta obra de Christine de Pizan. Algumas modalidades possíveis para denominar o poema foram levantadas, são elas, um *alegresse*, um *Te Deum*, uma narrativa histórica, um poema político... (DEPLAGNE, 2014, p. 222). Concordamos com Luciana Deplagne quando ela afirma que é possível fazer uma leitura de

“O *Ditié* de Joana d’Arc” como um poema épico. A autora toma por base o conceito de “epicidade de um poema” apresentado por Christina Ramalho. “Identifica-se como épico ou epopeia um poema longo que desenvolva uma matéria épica por meio da dupla instância lírica e narrativa” e “o plano histórico e o maravilhoso, integrados através da ação heroica, representam, respectivamente, a dimensão real e mítica, ambas inerentes à experiência humano-existencial que motiva a criação poemática”. As partes que compõe um poema épico são: proposição, invocação, divisão em cantos, plano literário histórico e maravilhoso e heroísmo épico. (RAMALHO 2013, p. 27). Por se tratar de um *Ditié*, o poema deve ser declamado e não cantado, podendo ser excluído o “canto” dentre as partes que compõem um poema épico apresentado por Christina Ramalho.

Nas epopeias clássicas, tanto a Proposição quanto a Invocação são partes intrínsecas das obras, como, por exemplo, na “*Ilíada*” e na “*Odisseia*” não é o poeta quem canta, ele está sendo usado pelo espírito de uma Deusa, como nos afirma Hennio Morgan Birchall:

Quanto à *Ilíada* e à *Odisseia*, o que se nota é que realmente não têm Proposição e Invocação como partes individualizadas e distintas. O primeiro verso já é uma coisa e outra, de uma maneira sintética. Melhor exame revela-nos que tal simbiose resulta de que o Canto é atribuído à própria musa, numa despersonificação completa do rapsodo. Não é ele quem canta, e sim Calíope, a de bela face. O poeta está apenas influído do espírito da deusa.” (BIRCHAL, 2005, p. 79)

O prólogo do poema é composto pelas dez primeiras estrofes, nelas estão contidas invocações e a proposição. Diferente das epopeias clássicas, no poema de Christine de Pizan, não vemos a invocação de uma divindade como a figura responsável por contar a história. Em “O *Ditié* de Joana d’Arc” a narradora se identifica e afirma que ela mesma irá contá-la. Contudo, ela pede ajuda a Deus, para que ela não esqueça nenhum detalhe. Como podemos ver nas estrofes 1 e 7 transcritas a seguir:

1

Eu, Christine, que chorei onze anos enclausurada em uma abadia, onde permaneci desde que Charles (que coisa estranha) o filho do rei — Se ousou dizê-lo — fugiu esperançoso de Paris, eu que me encontro enclausurada por causa dessas traições, agora começo a sorrir;

7

Agora quero contar como Deus concedeu essa graça, Deus a quem eu rogo para que me ilumine com os seus conselhos, afim de que eu não esqueça nada. Que seja

narrado tudo, pois vale a pena que nos lembremos, e que seja escrito, mesmo que desagrade a alguns, em muitas crônicas e histórias.

“A invocação presente no poema desempenha outro papel, tendo a tarefa de fazer um chamado ao invocado, criando uma cumplicidade épica” (DEPLAGNE, 2014, p. 224). Este chamamento é encontrado nas estrofes 6, 13, 21, 22, 37, 38, 46, 57. A proposição é introduzida em pequenas palavras espalhadas desde a estrofe I até a estrofe 11. Palavras como “eu começo a sorrir” na estrofe 1, “passar de choros a cantos” na estrofe 2, “a situação mudou” na estrofe 4, “coisa maravilhosa e extraordinária” na estrofe 8 e “divina graça” na estrofe 10 vão antecipando o fato que será narrado pelo eu lírico. Nas estrofes 12, 13 e 14 o eu lírico conclui a proposição, contando que através de Deus, uma *Pucelle* foi armada pelo rei e enfrentou os inimigos dele. Importante ressaltarmos, como bem afirmou Luciana Deplagne (2014, p. 225), uma estratégia do eu lírico para prender a atenção dos leitores, é fazer com que a narrativa dos fatos se defina e se torne cada vez mais precisa a cada estrofe. Por exemplo, o nome de Joana é mencionado apenas na estrofe 22, antes o eu lírico a nomeava de *Pucelle* e “virgem”:

22

Tu Joana, nascida na hora propícia, bendito seja quem te criou, *Pucelle* enviada por Deus, em quem o Espírito Santo derramou sua grande graça naquela que sempre teve e sempre terá dons nobres, ele nunca te recusará pedidos. Quem te recompensará o bastante?

O plano histórico está inserido no enredo do poema, o eu lírico lança fatos históricos, como a saída do *dauphin* de Paris na estrofe 1 e a sua coroação como rei Charles VII na cidade de Reims na estrofe 49. Nos dando informações históricas de momentos da Guerra de Cem Anos:

49

Com grande pompa, Charles foi coroado em Reims no ano de 1429, totalmente são e salvo, rodeado de muitos barões e soldados, precisamente no décimo sétimo dia de julho. Ele permaneceu cinco dias lá,

Do plano maravilhoso, temos passagens onde o eu lírico atribui as vitórias de Joana d’Arc às escolhas divinas. Palavras como “milagre”, “enviada por Deus” e “missão divina” permeiam todo o poema:

11

Em consequência, é verdade, de um milagre que se não fosse um fato, de notoriedade pública e evidente a todos os pontos de vista, alguém acreditaria? Isso é

algo digno de lembrar, que Deus, por intervenção de uma jovem virgem, desejou verdadeiramente (isso é a pura verdade) conceder à França tão grandes bênçãos.

Em toda a história literária, a figura do herói nos poemas épicos é predominantemente masculina, nas epopeias clássicas ou até mesmo nas tragédias, o herói é um homem, de caráter elevado e de ascendência divina (ARISTÓTELES, 2003, p. 109). No poema de Christine de Pizan, encontramos o oposto dessa figura clássica, a personagem herói é uma mulher, iletrada, de classe inferior e sem ascendência divina. Isso não exclui a presença do divino dentro do enredo, pois, como tratado anteriormente, Joana d'Arc estava em uma missão enviada por Deus. Ao colocar em seu poema uma heroína, Pizan elevou o sexo feminino a uma categoria onde só os homens elevados poderiam adentrar. Ora, Joana não possuía nenhum dos atributos expostos acima que a qualificasse na categoria de herói. Numa sociedade patriarcal em que o poema fora escrito, priorizar o sexo feminino em um estilo majoritariamente masculino foi mais uma das inovações da autora. O eu lírico preocupa-se em trazer uma série de argumentos que valorize a ação heroica realizada por uma mulher e não por homens (DEPLAGNE, 2014, p. 226). Em todo o poema, temos evidências do engajamento de Christine de Pizan em favor do sexo feminino. Ela não exalta apenas a *Pucelle*, ela a compara com outras mulheres, que segundo a autora, também foram de grande valor em suas épocas. Traço recorrente em suas escritas. Como veremos nas estrofes a seguir:

28

Ouvi falar de Ester, de Judite e de Débora, que foram senhoras de grande mérito, e de como Deus libertou seu povo da opressão. Também ouvi falar de várias outras mulheres corajosas que pelo intermédio de Deus realizaram vários milagres, mas nunca tanto quanto os milagres realizados por essa virgem.

34

Ah! Que honra para o sexo feminino! É evidente que Deus ama-a, pois, esse povo miserável que destruiu o reino — agora recuperado e salvo por uma mulher, o que cinco mil homens não puderam fazer — bem como os traidores, foram exterminados! Há pouco tempo não tínhamos acreditado nisso.

35

Uma jovem de dezesseis anos (isso não é algo que foge a natureza?) para quem as armas não são pesadas, pois parece que ela nasceu para isso. Como ela é forte e determinada! E diante dela os inimigos fogem, ninguém pode detê-la. Ela faz isso perante todos,

44

É por isso que essa mulher deve usar a coroa no lugar de todos os valentes do passado, pois suas ações já mostram muito bem que Deus lhe dá mais proeza do que todos os homens pelos quais se ouve falar. E ela ainda não realizou toda a sua

missão! Eu acredito que Deus nos dá Joana a fim de que a paz seja feita por suas ações.

Possuindo todas as partes que compõem um poema épico, com exceção do canto, “O *Ditié* de Joana d’Arc” de Christine de Pizan é um poema de exaltação ao sexo feminino. Ao narrar as ações realizadas por Joana d’Arc comparando-a com outras mulheres importantes, Christine de Pizan mais uma vez quebra estereótipos usados para desacreditar o seu sexo. Passemos agora à nossa proposta tradutória do poema para língua portuguesa.

4.1 TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE O *DITIÉ*²² DE JOANA D’ARC

²² Ditié ou dit é um estilo de poema que deve ser lido divergindo de outros estilos em que o canto está presente. *Le dictionnaire de l’ancien français*. Larousse, p. 180, 2012. (N.T.).

1

Je, Christine, qui ay plouré
Unze ans en abbaye close
Où j'ay tousjours puis demouré
Que Charles (c'est estrange chose !),
Le filz du roy, se dire l'ose,
S'en fouy de Paris, de tire,
Par la traïson là enclose :
Ore à prime me prens à rire.

2

A rire bonement de joie
Me prens pour le temps, por vernage
Qui se départ, où je souloie
Me tenir tristement en cage ;
Mais or changeray mon langage
De pleur en chant, quant recouvré
Ay bon temps ...
Bien me part avoir enduré.

3

L'an mil quatre cens vingt et neuf,
Reprint à luire li soleil ;
Il ramene le bon temps neuf
Que on [n'] avoit veu du droit œil
Puis longtemps ; dont plusieurs en deuil
Orent vesqui. J'en suis de ceulx ;

1

Eu, Christine, que chorei onze anos
enclausurada em uma abadia, onde
permaneci desde que Charles (que coisa
estranha) o filho do rei — Se ousou dizê-lo
— fugiu esperançoso de Paris²³, eu que me
encontro enclausurada por causa dessas
traições, agora começo a sorrir;

2

Eu começo a sorrir de felicidade com a
partida do inverno, pelo qual eu estava
acostumada a permanecer tristonha, em uma
prisão. Agora eu vou passar do choro ao
canto, pois eu reencontrei a boa estação ...²⁴
sofri bastante.

3

No ano de 1429 o sol retomou o brilho,
trouxe de volta os belos dias que não
tínhamos visto há muito tempo e que foi
responsável pelo desespero de muita gente
— inclusive o meu — mas não me aflijo de
mais nada, pois agora vejo o que desejo.

²³ Charles VII, filho de Charles VI vive com um número limitado de seguidores em Chinon. (N.T.).

²⁴ Lacuna no manuscrito. (N.T.F.).

Mais plus de rien je ne me deuil,
Quant ores voy [ce] que je veulx.

4

Si est bien le vers retourné
De grant duel en joie nouvelle,
Depuis le temps qu'ay séjourné
Là où je suis ; et la très belle
Saison, que printemps on appelle,
La Dieu merci, qu'ay désirée,
Où toute rien se renouvelle
Et est du sec au vert temps née.

5

C'est que le dégeté enfant
Du roy de France légitime,
Qui longtemps a esté souffrant
Mains grans ennuiz, qui or à prime
Se lieva ainsi que vous (?), prime
Venant comme roy couronné,
En puissance très grande et fine
Et d'esprons d'or esperonné.

6

Or fesos feste à nostre roy.
Que très-bien soit-il revenu !
Resjoiz de son noble arroy
Alons trestous, grans et menu,
Au devant ; nul ne soit tenu,
Menant joie le saluer,

4

Pois a situação mudou, a grande tristeza deu lugar a uma felicidade que não sentia desde que aqui resido. A bela estação que é a primavera, estação que tanto desejei, onde todas as coisas se renovam, obrigada meu Deus, transformou a esterilidade do inverno em verde.

5

Pois, a criança rejeitada pelo rei da França, que sofreu por tanto tempo e teve tantos problemas, agora, se ergue, se apresentando como um rei coroadado, poderoso e majestoso, com esporas de ouro aos pés²⁵.

6

Festejemos agora ao nosso rei! Que seu retorno seja bem-aventurado. Orgulhem-se de sua nobre tripulação, vamos todos, grandes e pequenos, ao seu encontro — sem exceções — para saudá-lo com alegria, louvando a Deus que o salve-guardou.

²⁵ As esporas de ouro é um símbolo da monarquia francesa. Objeto pertencente aos cavaleiros durante a Idade Média, o rei usava-a de forma simbólica para se afirmar também enquanto cavaleiro, devendo portar-se como tal. Disponível em <<http://www.littre.org/definition/%C3%A9peron>>. Acesso em 20 nov. 2015. (N.T.).

Louant Dieu, qui l'a maintenu,
Criant Noël en hault huer.

7

Mais or veuil raconter comment
Dieu a tout ce fait de sa grace,
A qui je pri qu'avisement
Me doint que rien je n'y trespasse.
Raconté soit en toute place,
Car ce est digne de mémoire
Et escript, à qui que desplace,
En mainte cronique et histoire.

8

Oyez par tout l'univers monde
Chose sur toute merveillable ;
Notez se Dieu, en qui habonde
Toute grace, est point secourable
Au droit enfin, C'est fait notable,
Considéré le présent cas ;
Si soit aux deceüs valable
Que fortune a flati à cas.

9

Et note comment esbahir
Ne se doit nul pour infortune,
Se voiant à grant tort haïr,
Et com vint sus par voie comune.
Voiez comment toujours n'est une
Fortune, qui a nuit à maint ;

Gritemos “Natal”, em voz alta²⁶.

7

Agora quero contar como Deus concedeu
essa graça, Deus a quem eu rogo para que
me ilumine com os seus conselhos, afim de
que eu não esqueça nada. Que seja narrado
tudo, pois vale a pena que nos lembremos, e
que seja escrito, mesmo que desagrade a
alguns, em muitas crônicas e histórias.

8

Que o universo inteiro escute algo
maravilhoso e extraordinário! Vede como
Deus, com toda a sua graça, apoia a justiça.
É um fato notável, tendo em vista o presente
caso. E que seja uma lição para os
desapontados pela intervenção da Fortuna.

9

E notai-vos que embora alguém se encontre
injustamente atacado e odiado por todos os
lados, ele não deve afligir-se em
consequência de sua infortuna. Vede a
inconstância da Fortuna, ela que foi
responsável pela morte de tanta gente! Pois

²⁶ Segundo o dicionário *Litttré*: Outrora, o grito era comum em ocasiões públicas como o nascimento de um príncipe ou a chegada de um soberano. Disponível em: <<http://www.littre.org/definition/no%C3%ABl>>. Acesso em 20 nov 2015. (N.T.).

Car Dieu, qui aux torts fait rexune,
Ceulx relieve en qui espoir maint.

10

Qui vit doncques chose avenir
Plus hors de toute opinion,
Qui à noter et souvenir
Fait bien en toute region,
Que France, de qui mention
En faisoit que jus est ruée,
Soit, par divine mission,
Du mal en si grant bien muée.

11

Par tel miracle vraiment
Que, se la chose n'est notoire
Et évident quoy et comment,
Il n'est homs que le peust croire?
Chose est bien digne de mémoire
Que Dieu, par une vierge tendre,
Ait adès voul (chose est voire)
Sur France si grant grace estendre.

12

O ! quel honneur à la couronne
De France par divine preuve !
Car par les graces qu'il lui donne
Il appert comment il l'apreuve,
Et que plus foy qu'autre part treuve
En l'estat royal, dont je lix

Deus, a quem abomina a todas as más ações,
protege àqueles em que a esperança
permanece.

10

Quem viveu, portanto, jamais encontrou
algo mais extraordinário e que divide
opiniões — pois isso merece ser
reconhecido e lembrado em todos os
lugares—, saber que a França — onde
diziam que tinha sido derrotada— passou,
por graça divina, de tempestade à bonança.

11

Em consequência, é verdade, de um milagre
que se não fosse um fato, de notoriedade
pública e evidente a todos os pontos de
vista, alguém acreditaria? Isso é algo digno
de lembrar, que Deus, por intervenção de
uma jovem virgem, desejou
verdadeiramente (isso é a pura verdade)
conceder à França tão grandes bênçãos.

12

E que honra para a coroa da França é essa
intervenção divina! Pelas graças que Ele
derrama sobre ela, demonstra o quanto Ele a
aprova e reconhece encontrar uma maior fé
nela do que em qualquer outro lugar no
Estado real, onde eu li (não há nenhuma

Que oncques (ce n'est pas chose neuve)
En fou n'errèrent fleurs de lys.

13

Et tu, Charles roy des François,
Septiesme d'icellui hault nom,
Qui si grant guerre as eue ainçois
Que bien t'en prensist, se peu non ;
Mais Dieu grace, or voiz ton renom ;
Hault eslevé par la Pucelle,
Que a soubzmis sous ton penon
Tes ennemis ; chose est nouvelle.

14

En peu de temps, que l'en cuidoit
Que ce feust com chose impossible
Que ton pays, qui se perdoit,
Reusses jamais : or est visible
Mention, qui que nuisible
T'ait esté, tu l'as recouvré.
C'est par la Pucelle sensible,
Dieu mercy ! qui y a ouvré.

15

Si croy fermement que tel grace
Ne te soit de Dieu donnée,
Se à toy, en temps et espace,
Il n'estoit de lui ordonnée
Quelque grant chose solempnée
A terminer et mettre à chief ;

novidade) que as flores de lis²⁷ jamais
falharam em matéria de fé.

13

E tu, Charles, rei da França, o sétimo desse
nobre nome que outrora foi responsável pela
guerra, agora, graças a Deus, vês a tua
reputação elevada por causa da *Pucelle*²⁸
que submeteu teus inimigos à tua bandeira
(algo novo!),

14

em pouco tempo, pois eles acreditavam que
tu nunca retomarias o teu país, que antes
estava perdido e que agora é visivelmente
teu, e, independentemente do mal que te
causaram, tu o recuperaste! E tudo isso,
obrigada Deus, graças à competência e aos
esforços da *Pucelle*.

15

Eu acredito piamente que Deus nunca teria
te concedido tal graça, se ele não tivesse
ordenado que fosses tu quem no momento, e
no local, concretizasses algumas tarefas
notáveis e solenes, e também, te destinado
grandes ações.

²⁷ Segundo o dicionário *Littre*: A flor de lis é o símbolo da monarquia francesa. Disponível em: <<http://www.littre.org/definition/lis>>. Acesso em: 20 nov. 2015. (N.T.).

²⁸ A palavra *Pucelle* significa “donzela” e foi atribuído a Joana d’Arc por ela ser virgem, sendo reconhecida por esse apelido desde então. (N.T.).

Et qu'il t'ait donné destinée
D'estre de très grans faiz le chief.

16

Car ung roi de France doit estre,
Charles Fils de Charles nommé,
Qui sur tous rois sera grant maistre ;
Prophéciez l'ont surnommé
Le cerf-volant ; et consommé
Sera par celiui conquéreur
Maint fait ; Dieu l'a à ce somé,
Et enfin doit estre empereur.

17

Tout ce est le prouffit de l'âme.
Je prie à Dieu que cellui soiesm
Et qu'il te doint, sans le grief d'âme,
Tant vivre qu'encoures tu voyes
Tes enfants grants ; et toutes joyes
Par toy et eulz soient en France ;
Mais en servant Dieu toutes voies,
Ne guerre n'y face outreurance.

18

Et j'ay espoir que bon seras,
Droiturier et amant justice
Et tous [les] autres passeras ;
Mais que orgueil ton fait ne honnise ;
A ton peuple doulz et propice
Et craignant Dieu qui t'a esleu

16

Pois, existirá apenas um rei na França,
Charles filho de Charles que reinará,
supremo, sobre todos os outros reis.
Profecias o nomearam de “cervo voador”²⁹,
e elas serão realizadas por esse grande
conquistador. (Deus o elegeu para essa
tarefa) e no fim ele se tornará imperador.

17

Tudo isso é para o proveito de tua alma. Eu
rogo a Deus que tu sejas quem eu acabo de
descrever e que ele te conceda — sem
prejudicar ninguém — uma longa vida, afim
de que tu possas ver teus filhos crescer, e
que vós tragais apenas alegria para a França.
Como tu serves a Deus, a guerra não causará
mais devastações.

18

Eu tenho esperanças de que tu serás bom,
leal, que promoverás a justiça e que tu
superarás todos os outros, desde que as tuas
ações não sejam manchadas pelo orgulho, eu
tenho esperanças de que tu serás doce e
generoso com o teu povo e que tu temerás a

²⁹ Charles VII toma para si o símbolo de “cervo voador” deixado por seu pai. A imagem de um cervo alado estava impresso no brasão, nas armas, nas joias e móveis durante o reinado de Charles VI e Charles VII. (MARILLIER, p. 187, 2007). (N.T.).

Pour son servant, si com premisses
En as ; mais que faces ton deu.

19

Et comment pourras-tu jamais
Dieu mercier à souffisance,
Servir, doubter en tous tes fais,
Que de si grant contrariance
T'a mis à paix, et toute France
Relevée de tel ruyne,
Quant sa très grant sainte providence
T'a fait de si grant honneur digne ?

20

Tu en soyes loué, hault Dieu !
A toy gracier tous tenus
Sommes, que donné temps et lieu
As où ces biens sont venus.
[A] jointes mains, grans et menus,
Graces te rendons, Dieu céleste,
Par qui nous sommes parvenus
A paix, et hors de grant tempest.

21

Et tou, Pucelle beneurée,
N'y dois-tu [mie] estre obliée,
Puisque Dieu t'a tant honnourée,
Qui as la corde desliée,
Qui tenoit France estroit liée.
Te pourroit-on assez louer
Quant, ceste terre humiliée

Deus, quem te escolheu como servo —
como tu bem o sabes —, na condição de que
tu faças o teu dever.

19

Como não poderias agradar a Deus
suficientemente, servi-lo e temê-lo em todas
as tuas ações? Deus que depois de tanta
adversidade te trouxe paz e salvou a França
de tal ruína? Quando sua santa providência
te fez tanta honra?

20

Que o senhor seja louvado, Deus grandioso!
Nós somos obrigados a te agradecer, tu que
decretaste o momento e o lugar onde essas
bênçãos fossem realizadas. De braços dados,
nós, os grandes e os pequenos, te damos
graças, Deus celeste, quem nos trouxe a paz
e nos salvou da grande tempestade.

21

E tu, *Pucelle* abençoada? Tu deves ter
esquecido o porquê de Deus ter te honrado
tanto. Tu que afrouxaste a corda que
mantinha a França tão rigorosamente
amarrada. Conseguiríamos te louvar o
suficiente, tu que trouxeste a paz a essa terra
humilhada pela guerra?

Par guerre, as fait de paix douer ?

22

Tu, Johanne, de bonne heure née,
Benoist soit cil qui te créa !
Pucell de Dieu ordonnée,
En qui le Saint-Esprit réa
Sa grant grace ; et qui ot et a
Toute largesse de hault don,
N'onc requeste ne te véa :
Que te rendront assez guerdon ?

23

Que peut-il d'autre estre dit plus
Ne des grans faiz du temps passez ?
Moyses, en qui Dieu afflus
Mist graces et vertus assez,
Il tira sans estre lassez
Le peuple Israel hors d'Egipte.
Par miracle ainsi repassez
Nous a de mal, Pucelle eslite.

24

Considérée ta personne,
Qui est une joenne pucelle
A qui Dieu force et pouvoir donne
D'estre le champion, et celle
Qui donne à France la mamelle
De paix et doulce nourriture,
A ruer jus la gent rebelle :

22

Tu Joana, nascida na hora propícia, bendito
seja quem te criou, *Pucelle* enviada por
Deus. O Espírito Santo derramou sua grande
graça naquela que sempre teve e sempre terá
dons nobres, ele nunca te recusará pedidos.
Quem te recompensará o bastante?

23

O que se pode dizer dos outros e seus
grandes feitos no passado? Moisés a quem
Deus em sua bondade concedeu muitas
graças e virtude, fez sair do Egito o povo de
Deus, por um milagre. Também, tu nos
livraste do mal, *Pucelle* eleita.

24

Levando em consideração a tua pessoa, tu
que és uma jovem virgem para quem Deus
dá força e poder de uma campeã, e por sua
vez, dá a França o úbere doce e nutritivo da
paz, também aniquilaste os rebeldes, eis de
verdade algo não natural!

Veci bien chose oultre nature.

25

Car se Dieu fist par Josué
Des miracles à si grant somme,
Conquerant lieux, et jus rué
Y furent mains : il estoit homme
Fort et puissant. Mais tout en somme
Veci femme, simple bergière,
Plus preux qu'onc homs ne fut à Romme.
Quant à Dieu, c'est chose légère ;

26

Mais quant à nous, oncques parler
N'oymes de si grant merveille ;
Car tous les preux au long aler,
Qui ont esté, ne s'appareille
Leur proesse à ceste qui veille
A bouter horz noz ennemis.
Mais ce fait Dieu, qui la conseille,
En qui cuer plus que d'omme a mis.

27

De Gédéon en fait grant compte,
Qui simple laboureur estoit,
Et Dieu le fist (se dit le conte),
Combattre, ne nul n'arrestoit
Contre lui, et tout conqueroit.
Mais onc miracle si appert
Ne fist, quoyqu'il ammonestoit,

25

De fato, Deus fez grandes milagres por
intermédio de Josué que conquistou diversos
lugares e venceu vários inimigos, Josué que
era um homem forte e poderoso. Mas,
sobretudo por uma mulher — uma simples
pastora — mais valente do que jamais um
homem de Roma o foi. Para Deus nada é
difícil de fazer.

26

Quanto a nós, nunca ouvimos falar de tão
grande prodígio, pois as proezas de todos os
valentes do passado não podem ser
comparadas as dessa mulher. Sua tarefa é
repelir seus inimigos, mas é Deus quem
realiza isso, quem guia-a e quem colocou
nela um coração maior que o de um homem.

27

Fazem grande caso de Gideão que era um
simples trabalhador; e é Deus (segundo o
conto) que o faz combater e ninguém pôde
resistir a ele, conquistando tudo. Quaisquer
que sejam os conselhos que Deus os tenha
dado, é evidente que Ele nunca fez por
Gideão um milagre tão brilhante quanto Ele

Com pour ceste fait il appert.

28

Hester, Judith et Delbora
Qui furent dames de grant pris,
Pas lesqueles Dieu restaura
Son pueple qui fort estoit pris,
Et d'autres plusieurs qu'ay appris
Qui furent preuses, n'y ot celle ;
Mais miracles en a porpris [?]
Plus a fait par ceste Pucelle.

29

Par miracle fut envoiée
Et divine amonition
De l'ange de Dieu convoiée
Au roy, pour sa provision.
Son fait n'est pas illusion,
Car bien a esté esprouvée
Par conseil, en conclusion :
A l'effect la chose est prouvée ;

30

Et bien esté examinée.
Er ains que l'en l'ait voulu croire,
Devant clers et sages menée,
Pour ensercher se chose voire
Disoit, ainçois qu'il fust notoire
Que Dieu l'eust vers le roy tramise ;
Mais on a trouvé en histoire

faz por Joana.

28

Ouvi falar de Ester, de Judite e de Débora,
que foram senhoras de grande mérito, e de
como Deus libertou seu povo da opressão.
Também ouvi falar de várias outras
mulheres corajosas que pelo intermédio de
Deus realizaram vários milagres, mas nunca
tanto quanto os milagres realizados por essa
virgem.

29

Por milagre e comando divino, ela foi
conduzida ao rei pelo anjo de Deus a fim de
ajudá-lo. Sua ação não é ilusão, pois ela foi
colocada à prova pelo conselho. Conclusão:
o fato é comprovado,

30

e ela foi examinada antes de acreditarem
nela, colocada perante clérigos e sábios para
saber se ela dizia a verdade, antes que viesse
a público que Deus a tinha enviado ao rei.
Encontraram nos livros de história que ela
estava destinada a realizar esta missão;

Qu'à ce faire elle estoit commise.

31

Car Merlin, et Sebile et Bede,
Plus de cinq cens a la veïrent
En esperit, et pour remède
A France en leurs escriptz la mirent ;
Et leurs prophécies en firent,
Disans qu'el pourterait bannière
Es guerres françoises ; et dirent
De son fait toute la manière.

32

Et sa belle vie, par foy !
Monstre qu'elle est de Dieu en grâce,
Par quoy on adjouste plus foy
A son fait ; car quoy qu'elle face,
Tousjours a Dieu devant la face,
Qu'elle appelle, sert et deprye
En fait, en dit ; ne va en place
Où sa dévotion détrio.

33

O ! comment lors bien y paru
Quant le siège iert à Orléans,
Où premier sa force apparu !
One miracle, si comme je tiens,
Ne fut plus cler ; car Dieu aux siens
Aida telement, qu'ennemis
Ne s'aidèrent plus que mors chiens ;

31

pois Merlin, Sibila e Beda a viram em suas
imaginações há mais de quinhentos anos e a
colocaram em seus escritos como a que
salvava a França, e fizeram profecias
dizendo que ela traria o estandarte nas
guerras francesas e narrariam todas as suas
ações.

32

E, em verdade, a beleza de sua vida mostra
que ela tem a graça de Deus; e é por isso que
podem ter mais fé em suas ações. Pois, não
importa o que ela fizer, ela nunca perde
Deus de vista, esse Deus que ela implora,
serve e roga ardentemente em fala e em
ação. Nunca, em lugar algum sua devoção
vacila.

33

Oh! Como o céu estava claro durante o
cerco em Orleães, onde sua força apareceu
pela primeira vez! Em minha opinião,
nenhum milagre foi mais evidente, pois
Deus ajudou tanto os seus que os inimigos
não puderam ajudar-se. Lá, eles foram
tomados e levados à morte.

Là furent prins ou à mort mir.

34

Hée! quel honneur au féminin
Sexe ! Que [Dieu] l'ayme, il appert.
Quant tout ce grant peuple chenin
Par qui tout le règne ert désert,
Par femmer est sours et recouvert,
Ce que pas hommes fait n'eüssent,
Et les traittres mis à désert ;
A peine devant ne le crussent.

35

Une fillete de seize ans
(N'est-ce pas chose fors nature?)
A qui armes ne sont pesans,
Ains semble que sa norriture
Y soit, tant y est fort et dure ;
Et devant elle vont fuyant
Les ennemis, ne nul n'y dure.
Elle fait ce, mains yeulx voiant.

36

Et d'eulx va France descombrant,
En recouvrant chasteaulx et villes,
Jamais force ne fu si grant,
Soient à cens, soient à miles.
Et de nos gens preuz et abiles
Elle est principal chevetaine.
Tel force n'ot Hector, ne Achilles ;

34

Ah! Que honra para o sexo feminino! É evidente que Deus ama-a, pois esse povo miserável que destruiu o reino — agora recuperado e salvo por uma mulher, o que cinco mil homens não puderam fazer — bem como os traidores, foram exterminados! Há pouco tempo não tínhamos acreditado nisso.

35

Uma jovem de dezesseis anos (isso não é algo que foge a natureza?) para quem as armas não são pesadas, pois parece que ela nasceu para isso. Como ela é forte e determinada! E diante dela os inimigos fogem, ninguém pode detê-la. Ela faz isso perante todos,

36

e ela expulsa da França seus inimigos recuperando castelos e cidades. Ninguém nunca viu tanta força, mesmo em centenas ou milhares de homens! É ela a principal capitã de nossos homens valentes e capazes. Nem Heitor, nem Aquiles tiveram tal força! É Deus que faz tudo isso, Ele a conduz.

Mais tout ce fait Dieu qui la meme.

37

Et vous, gens d'armes esprouvez,
Qui faites l'exécution,
Et bons et loyaux vous prouvez :
Bien faire on en doit mention.
Louez en toute nation
Vous en serez, et sans faillance
Parle-en sur toute élection
De vous et de vostre vaillance.

38

Qui vos corps et vie exposez,
Pour le droit, en peine si dure,
Et contre tous périls osez
Vous aller mettre à l'avanture.
Soiés constans, car je vous jure
Qu'en aurés gloire ou ciel et los ;
Car qui se combat pour droiture,
Paradis gaingne, dire l'os.

39

Si rabaissez, Anglois, vos cornes,
Car jamais n'aurez beau gibier
En France, ne menez vos sornes ;
Matez estes en l'eschiquier,
Vous ne pensiez pas l'autrier
Où tant vous monstriez perilleux ;
Mais n'estiez encour ou sentier

37

E vós, guerreiros experientes? Executai
vossas tarefas e provais vossos valores e
vossa lealdade, é preciso também
mencionar-vos (em todas as nações vós
sereis louvados!) e, sobretudo, falar de vós e
de vossa valentia,

38

vós a quem sangue, corpo e vida estais com
dificuldades e sofrimento por seus direitos e
que ousastes vos expor, apesar dos perigos.
Sejais devotados, pois eu juro que vós tereis
a glória e o louvor no céu! Pois quem luta
pela justiça ganha o paraíso, eu não tenho
medo em dizer-vos isso!

39

Abaixai, portanto, ingleses, vossos chifres.
Pois vós nunca caçareis belos animais. Não
tenteis vossos truques na França! Nós vos
demos um xeque-mate. Há um tempo,
quando vós tínheis um ar violento, vós não
pensaríeis que seria assim, porém vós ainda
não estaríeis no caminho onde Deus derruba

Où Dieu abat les orgueilleux.

40

Jà cuidiés France avoir gainnée,
Et qu'elle vous deust demourer.
Autrement va, faulse mesgnée !
Vous irés ailleurs tabourer,
Se ne voulez assavouer
La mort, comme vos compaignons,
Que loups porroient bien devourer,
Car mors gisent par les sillons.

41

Et sachez que, par elle, Anglois
Seront mis jus sans relever,
Car Dieu le veult, qui ot les voix
Des bons qu'ils ont voulu grever.
Le sanc des occis sans lever
Crie contre eulz. Dieu ne veult plus
Le souffrir ; ains les resprouver
Comme mauvais, il est conclus.

42

En chrestienté et en l'Église
Sera par elle mis concorde.
Les mescréans dont on devise
Et les hérites de vie orde
Destruira car ainsi l'accorde
Prophétie qui l'a prédit ;
Ne point n'aura miséricorde

os orgulhosos.

40

Pensáveis que já tínheis conquistado a
França e que ela seria dos senhores. Mas as
coisas mudaram, seus pérfidos! Vós deveis
bater tambores em outro lugar, se não
quiserdes provar da morte, como vossos
companheiros, dos quais os lobos podem ter
devorados, pois seus cadáveres jazem nas
valas.

41

E saibam que por ela, Joana, os ingleses
serão derrotados para sempre, porque Deus
assim o quer, Ele que ouve todas as vozes
das pessoas boas e das quais os ingleses
queriam oprimir! O sangue dos mortos que
não retornarão jamais, grita contra eles.
Deus não quer mais tolerar isso; pelo
contrário, Ele decidiu condená-los como
ruins.

42

Na cristandade e na Igreja, ela restaurará a
harmonia. Ela destruirá os infiéis dos quais
se falam, os hereges da vida ignóbil. Como
afirma a profecia, ela não mostrará piedade
pelos lugares onde se desonram a fé em
Deus.

De li, qui la foy Dieu laidit.

43

Des Sarrasins fera essart
En conquérant la Sainte Terre ;
Là menra Charles, que Dieu gard !
Ains qu'il muire fera tel erre.
Cilz est cil qui la doit conquerre :
Là doit-elle finer sa vie
Et l'un et l'autre gloire acquerre :
Là sera la chose assovyé.

44

Donc desur tous les preux passez,
Ceste doit porter la couronne,
Car ses faits jà monstrent assez
Que plus prouesse Dieu lui donne
Qu'à tous ceulz de qui l'en raisonne ;
Et n'a pas encor tout parfaict.
Si croy que Dieu çà jus leur donne (?)
Afin que paix soit par son faict.

45

Si est tout le mains qu'affaire ait
Que destruire l'Englescherie,
Car elle a ailleurs plus haut hait :
C'est que la foy ne soit périe.
Quant des Anglois, qui que s'en rye
Ou pleure, [or] il en est sué ;
Le temps advenir mocquerie

43

Ela destruirá os Sarracenos conquistando a Terra Santa e ela levará Charles consigo. Que Deus a tenha! Antes de morrer, ele fará essa viagem. É ele que deve conquistar a Terra Santa. É lá, onde ela (Joana) deve terminar seus dias e onde os dois conquistarão a glória. É lá que tudo será realizado.

44

É por isso que essa mulher deve usar a coroa no lugar de todos os valentes do passado, pois suas ações já mostram muito bem que Deus lhe dá mais proeza do que todos os homens pelos quais se ouve falar. E ela ainda não realizou toda a sua missão! Eu acredito que Deus nos dá Joana a fim de que a paz seja feita por suas ações.

45

Portanto, destruir a raça inglesa não é sua missão principal, pois ela tem aspirações maiores: assegurar que a fé em Deus não se apague nunca. Quanto aos ingleses, que seja para rir ou para chorar, eles estão acabados. No futuro, zombaremos disso, eles foram derrotados.

En sera faict : jus sont rué.

46

Et vous, rebelles ruppieux
Qui à eulz vous estes adhers,
Ne voiez-vous qu'il vous fust mieulx
Estre alez droit que le revers
Pour devenir aux Anglois serfs ?
Gardez que plus ne vous aviengnem
Car trop avez esté souffers,
Et de la fin bien vous soviengne.

47

N'appercevez-vous gent avugle,
Que Dieu a ici la main mise ?
Et qui ne le voit, est bien vugle ;
Car comment seroit en tel guise
Ceste Pucelle ça tramise,
Qui tous mors vous fait jus abattre,
Ne force avez [mais] qui souffise ?
Voulez-vous contre Dieu combattre?

48

N'a-elle menpe le roy au sacre,
Que tenait adès par la main ?
Plus grant chose oncques devant Acre
Ne fut faite ; car pour certain
Des contrediz y ot tout plain ;
Mais mauigré tous, à grant noblesse,
Y fut recent et tout à plain

46

E vós, rebeldes ignóbeis, que vos junteis a eles³⁰. Vós vedes agora que era melhor ter andado direito do que o caminho oposto tornando-se escravos dos ingleses. Cuideis de si porque ninguém o fará — pois mostramos bastante paciência com relação aos senhores — e vos lembreis do resultado final.

47

Não percebeis, cegos, a mão de Deus aqui? Quem não a vê é besta, senão, como e de que maneira seria enviada a *Pucelle* que vos derrotou? Vós não tendes forças suficientes! Quereis combater a Deus?

48

Ela não conduziu o rei à coroação por suas mãos? Nunca tamanha façanha fora realizada em quilômetros, e com certeza, houveram muitos opositores, apesar de tudo, de forma nobre ele foi recebido, e lá consagrado ele ouviu a missa.

³⁰ Rebeldes ignóbeis são os Borguinhões, que sob responsabilidade do duque de Borgonha, tentam tirar o poder de Charles VII. Eles são aliados dos ingleses no momento em que Christine escreve o *Ditié*. (N.T.F.).

Sacré, et là ouy la messe.

49

A très grant triumphe et puissance,
Fu Charles couronné à Rains,
L'an mil quatre cens, sans doubance,
Et vingt et neuf, tout saulf et sains,
Avecques de ses barons mains,
Droit ou dix septiesme jour
De juillet, pour plus et pour mains.
Et là fu cinq jours à séjour.

50

Avecques lui la Pucellette,
En retournant par son país,
Cité, ne chastel, ne villette
Ne remaint. Amez ou hays
Qu'il soi[en]t, ou soient esbaïs
Ou asseurez, les habitans
Se rendent ; pou sont envahys,
Tant sont sa puissance doubtans !

51

Voir est qu'aucuns de leur folie
Cuident résister ; mais pou vault,
Car au derrain, qui que contralie,
A Dieu compere le deffault.
C'est pour nient ; rendre leur fault
Veuillent ou non ; n'y a si forte
Résistance, qui à l'assault

49

Com grande triunfo e poder, Charles foi
coroadado em Reims no ano de 1429,
totalmente são e salvo, rodeado de muitos
barões e soldados, precisamente no décimo
sétimo dia de julho. Ele permaneceu cinco
dias lá,

50

com a jovem donzela. Ele retorna
atravessando o país, nem cidade, nem
castelo e nem vilarejo ficaram contra ele.
Amando-o ou odiando-o, estando admirados
ou tranquilos, os moradores se renderam. Os
ataques são raros, do tanto que temem o seu
poder.

51

É verdade que alguns em sua loucura,
pensam poder resistir, mas isso não serve
para nada, porque no fim, quem resiste deve
pagar suas contas a Deus. É inútil. É preciso
que se rendam, querendo ou não. Não há
resistência que não entre em colapso sob o
ataque da *Pucelle*.

De la Pucelle ne soit morte ;

52

Quoyqu'en ait fait grant assemblée
Cuidant son retour contredire
Et lui courir sus par emblée.
Mais plus ni fault confort de mire :
Car tous mors et pris tire à tire
Y ont estez les contrediz,
Et envoyés, comme j'oy dire,
En enfer ou en paradis.

53

Ne sçai se Paris se tendra,
Car encoures n'y sont-ilz mie,
Ne se la Pucelle attendra ;
Mais s'il en fait son ennemie,
Je me doubte que dure escremie
Lui rende, si qu'ailleures a fait.
S'ilz résistent heure, ne demie,
Mal ira, je croiy, de son fait.

54

Car ens entrera, qui qu'en groingne :
La Pucelle lui a promis.
Paris, tu cuides que Bourgoigne
Defende qu'il ne soit ens mis ?
Non fera, car ses ennemis
Point ne se fait. Nul n'est puissance
Qui l'en gardast, et tu soubmis

52

Apesar de terem feito um ataque surpresa durante o seu retorno, não precisamos mais de médicos, pois todos os inimigos foram mortos e capturados um a um e enviados, ouvi dizer, ao inferno ou ao paraíso.

53

Não sei se Paris resistirá — pois eles ainda resistem —, nem sei se ela esperará a *Pucelle*, mas a cidade a fez sua inimiga. Temo que ela realize uma escaramuça, como outrora. Se eles resistirem uma hora ou mesmo meia hora, será terrível para eles, eu acredito.

54

O rei entrará, contra todos os protestos. A *Pucelle* lhe prometeu. Paris, tu acreditas que a Borgonha impedirá o rei de entrar? De forma alguma, ele não se considera um inimigo, ninguém tem o poder de impedi-lo, e tu serás submissa, juntamente com os teus presunçosos.

Seras et ton outrecuidance.

55

O Paris, très mal conseillé !
Folz habitans sans confiance !
Ayme-tu mieulz estre essilié
Qu'à ton prince faire accordance ?
Certes, ta grant contrariance
Te détruira, se ne t'avises.
Trop mieulz te feust par suppliance
Requerir merey : mal y vises.

56

Gens a dedans mauvais, car bons
Y a maint, je n'en fais pas doubte ;
Mais parler n'osent, j'en respons
A qui moult despalist et sans double
Que leur prince ainsi on deboute.
Si n'auront pas ceulx deservie
La punition où se boute
Paris, où maint perdront la vie.

57

Et vous toutes, villes rebelles,
Et gens qui avez regnié
Vostre seigneur, et ceulx et celles
Qui pour autre l'avez nié :
Or soit après aplanié
Par doulceur, requerant pardon ;
Car se vous êtes manié

55

Oh, Paris mal aconselhada! Moradores
loucos sem confiança! Preferis ser
devastados a fazer uma aliança com o vosso
príncipe? Certamente vossa hostilidade vos
destruirá, se não tomardes cuidado! Seria
mais valioso terdes rezado e pedido graças.
Fizestes uma péssima escolha!

56

Eu falo dos malvados, pois os bons são
numerosos eu não tenho dúvida. Mas esses
não ousam falar, mas garanto que eles estão
tristes por impedirem o príncipe de seguir
seu destino. Sendo assim, eles não
merecerão a punição que se abaterá sob
Paris, onde muitos perderão a vida.

57

E vós, cidades rebeldes e pessoas que
negaram seu senhor, homens e mulheres que
também o negaram por um outro qualquer,
que isso seja resolvido pela doçura, pedindo
perdão! Se fordes dominados a força, será
tarde demais para desculpas.

A force, à tart vendrez ou don.

58

Et que ne soit occision,
Charles retarde tant qu'il peut,
Ne sur char d'omme incision ;
Car de sang espandre se deult.
Mais au fort, qui rendre ne veult
Par bel et doulceur ce qu'est sien,
Se par force en effusion
De sang le requerre, il fait bien.

59

Hélas ! il est si débonnaire
Qu'à chascun il veult pardonner ;
Et la Pucelle lui fait faire,
Qui ensuit Dieu. Or ordonner
Veuillez vos cueurs et vous donner
Comme loyaulz François à lui,
Et quand on l'orra sermonner
N'en serés reprins de nulluy.

60

Si pry Dieu qu'il mette en courage
A vous tous qu'ainsi le fassiez,
Afin que le conseil o rage
De ces guerres soit effaciez,
Et que vostre vie passiez
En paix sous votre chief greigneur,
Si que jamais ne l'effaciez

58

E para que não seja feita nenhuma matança,
cortes de pele humana, ele esperará
enquanto puder, pois ele se aflige em
derramar sangue. Todavia, se alguém não
quiser dar boas graças ao rei, ele terá razão
em tomá-la pela força e derramar muito
sangue.

59

Infelizmente, ele é tão bom que quer perdoar
cada um. E a *Pucelle* o comanda, ela que
segue a vontade de Deus. Ora, querei
colocar vossos corações em ordem e
entregai-vos como franceses leais. E quando
escutarmos vosso discurso, não sereis
julgados.

60

Eu rogo a Deus para que Ele entre em
vossos corações, para que vos comporteis
afim de que a tempestade cruel dessas
guerras seja apagada e que vivais em paz,
submissos ao senhor de tal maneira que vós
nunca o ofendais, e que ele vos seja um bom
senhor. Amém.

Et que vers vous soit bien seigneur.

Amen.

61

Donné ce ditié par Christine,
L'an dessusdit mil quatre cens
Et vingt et neuf, le jour où fine
Le mois de juillet. Mais j'entends
Qu'aucuns se tendront mal contents
De ce qu'il contient, car qui chièr
A embrunche et les yeux pesans,
Ne peut regarder la lumière.

61

Esse *Ditié* foi concluído por Christine no ano de mil quatrocentos e vinte e nove, dia que termina o mês de julho. Porém, acredito que alguns ficarão descontentes com o seu conteúdo, pois aqueles que inclinam a cabeça e baixam os olhos não podem enxergar a luz.

4.2 ANÁLISE E COMENTÁRIOS DA TRADUÇÃO

Para os estudos da tradução com uma abordagem cultural, o tradutor desempenha a tarefa de mediar, ele é um mediador entre as duas culturas. E para que esta mediação ocorra de forma satisfatória, o tradutor além de conhecer as línguas envolvidas, também deve conhecer a cultura desses povos. Ou seja, além de traduzir as línguas em questão, deve traduzir fatos, informações, maneiras de pensar e de valores da outra cultura (VALENTE, 2010, p. 326). Para alguns estudiosos, como Rosvitha Blume e Patrícia Peterle (2013, p. 11), a figura do tradutor poderia ser descrita como a de um “negociador”, durante todo o processo de tradução ele desempenha atitudes e comportamentos que impliquem fazer essa negociação, mesmo que aparentemente essas ações sejam imediatas ou inconscientes. Se percebermos a tradução como uma escolha, uma negociação do tradutor, devemos igualmente perceber que toda tradução é influenciada por aspectos ideológicos e culturais, possibilitando assim, uma relação de poder que permeia todo o processo de tradução.

A ideia de que a tradução é permeada de negociações e escolhas do tradutor, esteve presente em todo o nosso projeto tradutório, pois acreditamos que é tarefa do tradutor pensar e refletir sobre suas escolhas. Pensamos em uma tradução que convide o público de

língua portuguesa a conhecer “O *Ditié* de Joana d’Arc”, mas que o reconhecesse enquanto uma obra literária estrangeira.

Antoine Berman (2012, p. 89) ressalta que para uma tradução ser realizada de forma satisfatória, o tradutor deve ter em mente, primeiramente, o seu objetivo para com o texto traduzido. Como tratado anteriormente, o nosso objetivo com a tradução do poema *Le Ditié de Jehanne d’Arc* é trazer para os estudos medievais o trabalho de Christine de Pizan, contribuindo para o resgate da escrita feminina nos estudos literários no Brasil.

Tendo esse objetivo em mente, passaremos agora para as nossas justificativas tradutórias. Apesar do reconhecimento intelectual em vida, Christine de Pizan teve suas obras esquecidas por muitos anos no cenário literário mundial. Felizmente, um número significativo de suas obras foi resgatado, como vimos anteriormente, e traduzido para línguas modernas. Três manuscritos originais do poema objeto deste trabalho sobreviveram ao tempo e possibilitaram que várias edições fossem realizadas, bem como algumas traduções deles para línguas modernas. Como vimos anteriormente, o poema possui versos octossilábicos e rimas “ababbcbc”. Decisões acerca de nossa tradução foram necessárias, primeiramente, a edição de Herluison do poema de Christine de Pizan possui um título que difere com o título escrito pela autora. Em sua edição o poema se intitula *Jehanne d’Arc*, em nossa tradução decidimos manter o título escrito por Christine de Pizan. Optamos também por uma tradução do poema em prosa, preferimos manter o conteúdo tratado pela autora em detrimento à forma do poema. Traduzir em prosa não significa trair a obra de Christine de Pizan, concordamos com Antoine Berman quando ele afirma:

Traduzir Milton em prosa não é obrigatoriamente traí-lo, mas submetê-lo a uma transformação (principalmente concernente à tensão rítmica) cujo impacto ainda não dominamos. [...] Talvez a tradução-em-prosa deva ser considerada como um possível da tradução de poesia para algumas obras. (BERMAN, 2012 p. 136).

A tradução do poema *Le Ditié de Jehanne d’Arc* em prosa é uma possibilidade de tradução, nossa escolha no que tange a forma do poema e nosso objetivo tradutório não são contraditórios. Alguns tradutores também optaram em traduzir o poema de Christine de Pizan em prosa, é o caso da tradutora Margaret Switten que traduziu o poema do francês medieval para o francês moderno. “Uma tradução em prosa permitiria uma melhor compreensão do texto sem o original” (SWITTEN, 2006, p. 708-709). Para entendermos as nossas escolhas tradutórias é necessário explicar alguns conceitos no que tange os estilos de tradução.

Lawrence Venuti em seu livro *The translator’s Invisibility: A history of Translation* (1995) defende a ideia de dois tipos de tradução, a tradução estrangeirizadora e a

tradução domesticadora. Acreditamos que a proposta de uma tradução estrangeirizadora (onde o tradutor traz a cultura da língua fonte para a língua alvo) concorda com o nosso projeto de tradução com uma abordagem cultural. Sendo assim, procuramos manter, na medida do possível, aspectos culturais do poema de Cristine de Pizan para o público brasileiro, como veremos posteriormente. No que concerne às escolhas tradutórias pertencentes aos aspectos culturais do poema, faremos uso do conceito de Itens Culturais-Específicos (ICEs), trazidos por Javier Franco Aixelá:

Os itens culturais-específicos são geralmente expressados em um texto por meio de objetos e sistemas de classificação e medida, cujos usos estão restritos à cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente desconhecidos pela cultura alvo. (2013, p. 190)

O poema “O Ditié de Joana d’Arc” foi escrito em 1429, ele possui uma estrutura linguística que difere da língua portuguesa corrente no Brasil, buscamos em nossa tradução manter o vocabulário medieval do poema, usando quando necessário, explicações extratextuais. Como mostrado na nossa proposta tradutória, optamos por explicar determinadas passagens do poema, bem como algumas expressões culturais em notas de rodapé, como, por exemplo, a nota explicativa referente ao título do poema. Um *ditié* ou *dit* é um estilo poético comum durante a Idade Média, mantivemos a palavra tal qual à língua fonte, pois o seu equivalente na língua alvo não existe. Procuramos trabalhos referentes a traduções de *ditiés* para a língua portuguesa nas bibliotecas brasileiras e no Banco de Teses da Capes e até o momento de produção deste trabalho, não tivemos êxito.

“O *Ditié* de Joana d’Arc” é um poema que narra circunstâncias históricas da Europa Medieval, a Guerra dos Cem Anos. Apesar de ser um momento histórico conhecido e estudado no Brasil, há passagens que acreditamos que merecem explicações, sendo justificável o uso de notas de rodapé. Como por exemplo, na estrofe I, Christine lembra o momento que Charles VI foge de Paris e se refugia na cidade de Chinon. Na estrofe 46, vemos a frase “rebeldes ignóbeis”, onde acrescentamos uma nota da tradutora da edição francesa. Os rebeldes são os Borguinhões, eles colaboraram com a coroa inglesa durante a guerra. Acreditamos que essa informação à primeira vista passasse despercebida aos leitores não estudiosos da Guerra dos Cem Anos.

Ao longo do poema encontramos nomes de pessoas importantes para a história e literatura mundial. Durante nossa tradução, quando encontramos uma palavra que tem seu equivalente na língua alvo, nós a mantemos, quando essa palavra abre margem para a escolha entre o seu equivalente e o da língua fonte, preferimos manter a palavra da língua fonte e os

que não possuem seu equivalente na língua alvo, iremos manter o mesmo da língua fonte. Essas escolhas foram pensadas a partir do nosso objetivo tradutório e do tipo de tradução escolhida. Decidimos que queremos trazer o máximo da cultura do poema em nosso projeto tradutório, isso inclui seus nomes próprios.

Nos baseamos nas orientações de Aixelá (2013, p. 195) no que tange a tradução de nomes próprios dentro da perspectiva da tradução cultural:

No caso dos nomes convencionais, há hoje em dia uma tendência clara a repetir, transcrever ou transliterá-los nos gêneros primários, exceto quando há uma tradução pré-estabelecida baseada em tradição (importantes topônimos, nomes históricos ficcionais ou não ficcionais, como santos, reis, etc).

Vejamos a seguir como esses nomes estão na edição francesa e sua tradução para a língua portuguesa:

QUADRO 3

Nomes de nascimento, apelidos, países e cidades

Francês	Tradução em português
Christine	Christine
Charles	Charles
Paris	Paris
Pucelle	<i>Pucelle</i>
cerf-volant	cervo voador
Johanne	Joana
Moyses	Moisés
Egipte	Egito
France	França
Josué	Josué
Romme	Roma
Gédéon	Gideão
Hester	Ester
Judith	Judite
Delbora	Débora
Merlin	Merlin
Sebile	Sibila
Bede	Beda

Orléans	Orleães
Hector	Heitor
Achilles	Aquiles
Reims	Reims
Pucellette	Jovem donzela
Bourgoigne	Borgonha

Decidimos manter semelhante à edição de Herluisson os nomes de Charles VI, Charles VII, Merlin entre outros como apresentados na tabela a cima, por ter essa escrita presente em trabalhos, livros e artigos em língua portuguesa. Essa escolha não se aplica a outros nomes que possuem seus equivalentes bem fixados na língua alvo. O nome de Christine tem sua escrita mudada em diferentes línguas e possui vários equivalentes em língua portuguesa, mas por se tratar do nome da autora da obra e por ela mesma se colocar diversas vezes em sua escrita, decidimos manter seu nome escrito igual à língua fonte.

Joana d’Arc recebe vários nomes ao longo do poema, alguns deles são reconhecidos até hoje e escritos em antologias, dicionários e trabalhos no mundo todo. Primeiro, decidimos utilizar o seu nome de batismo equivalente em língua portuguesa: Joana d’Arc. Seu nome em língua francesa sofreu diversas variações, “Jehanne” e “Jeanne” são alguns deles. O Brasil possui muitos trabalhos sobre Joana d’Arc, e em muitos a variação escolhida é a portuguesa, por isso a escolha em manter em nossa tradução seu equivalente na língua portuguesa. Joana também é chamada de *La Pucelle d’Orléans* que em português é traduzido por “A Donzela de Orleães”, ela recebeu esse apelido após ter livrado a cidade de Orleães do poder inglês. Em seu poema, Christine chama Joana diversas vezes de *Pucelle*, fazendo referência ao seu apelido. Em nossa tradução decidimos manter o apelido escrito da mesma forma que na língua francesa, pois se trata de um apelido bastante difundido e utilizado em trabalhos de diferentes idiomas, inclusive em língua portuguesa. Contudo, colocamos uma nota de rodapé em nossa tradução para orientar o leitor que desconheça essa palavra. Com relação aos outros nomes dados a Joana por Christine como “jovem” ou “jovem virgem” optamos por colocar seu equivalente em língua portuguesa.

O poema também é marcado por passagens culturais da França medieval, por exemplo, a representação da flor de lis e as esporas de ouro como símbolos da monarquia francesa ou a figura do rei Charles VII e a imagem de “cervo voador”. Historicamente, a imagem de um cervo foi por muito tempo associado à longevidade e à pureza. Diferentes

culturas usavam a imagem de um cervo em roupas, em pinturas e em sua literatura. O rei Charles VI usou a imagem de um cervo alado com uma coroa em seu pescoço como símbolo de seu reinado e seu filho manteve a imagem, como veremos a seguir, nas palavras de Bernard Marillier:

Sua preferência pelo cervo voador impulsionou Charles VI a configurá-lo como um animal fabuloso, como observamos a cima, sobre múltiplos suportes, como suas roupas, suas joias, seus móveis, sua tapeçaria, suas medalhas, seus capacetes e seus estandartes, etc., e utilizá-lo como suporte de armas do reino francês³¹. (MARILLIER, 187, 2007)

Decidimos traduzir o *cerf-volant* (estrofe 16) para a língua portuguesa, pois essa expressão não foi adotada na produção acadêmica brasileira. Decidimos também colocar informações extratextuais em outras passagens do poema que mostrem aspectos culturais da França medieval e que não são comuns na cultura brasileira, por exemplo, a expressão “gritar Natal” era utilizada na Idade Média para se referir ao nascimento ou chegada de um rei. Na estrofe VI, vemos a convocação de Christine ao povo francês para “gritarem Natal” e celebrarem a vinda do novo rei coroado, Charles VII. Para melhor compreensão de nossas escolhas tradutórias no que tange os aspectos culturais e expressões culturais contidos no poema, veremos a seguir uma tabela com passagens do poema em francês arcaico e nossas escolhas em língua portuguesa:

QUADRO 4

Aspectos e expressões culturais do medievo francês

Francês	Tradução em português
5 [...] Venant comme roy couronné, En puissance très grande et fine	5 [...] se apresentando como um rei coroado, poderoso e majestoso, com esporas de ouro

³¹ Sa prédilection pour le cerf volant poussa Charles VI à faire figurer l’animal fabuleux, ainsi que nous l’avons noté ci-dessus, sur une multitude de supports, comme ses vêtements, ses bijoux, ses meubles, ses tapisseries, ses médailles, ses casques, ses étendards, etc., et à l’utiliser comme support des armes du royaume de France.

Et d'esprons d'or esperonné.	aos pés.
6	6
[...] Alons trestous, grans et menu, Au devant ; nul ne soit tenu, Menant joie le saluer, Louant Dieu, qui l'a maintenu, Criant Noël en hault huer.	[...] vamos todos, grandes e pequenos, ao seu encontro, sem exceção, para saudá-lo com alegria, louvando a Deus que o salve-guardou. Gritemos “ Natal ”, em voz alta.
12	12
[...] Il appert comment il l'apreuve, Et que plus foy qu'autre part treuve En l'estat royal, dont je lix Que oncques (ce n'est pas chose neuve) En fou n'errèrent fleurs de lys.	[...] Ele a aprova e reconhece encontrar uma maior fé nela do que em qualquer outro lugar no Estado Real, onde eu li (não há nenhuma novidade) que as flores de lis jamais falharam em matéria de fé.
16	16
Prophéciez l'ont surnommé Le cerf-volant ; et consommé Sera par celiui conquéreur Maint fait ; Dieu l'a à ce somé, Et enfin doit estre empereur.	Profecias o nomearam de “ cervo voador ”, e elas serão realizadas por esse grande conquistador. — Deus o elegeu para essa tarefa — e no fim ele se tornará imperador.

Optamos por uma tradução de sentido em um verso da estrofe 25. Em seu ultimo verso a autora fala “Quant à Dieu, c’est chose légère”, acreditamos que uma tradução mais literal desse verso não traria para a língua alvo a mesma ideia de superioridade divina que a autora quer mostrar ao leitor. Vejamos a seguir como a tradução dessa estrofe ficou:

QUADRO 5

O sentido em detrimento à literalidade

Francês	Tradução em português
---------	-----------------------

25	25
Car se Dieu fist par Josué Des miracles à si grant somme, Conquerant lieux, et jus rué Y furent mains : il estoit homme Fort et puissant. Mais tout en somme Veci femme, simple bergière, Plus preux qu'onc homs ne fut à Romme.	De fato, Deus fez grandes milagres por intermédio de Josué que conquistou diversos lugares e venceu vários inimigos, Josué que era um homem forte e poderoso. Mas, sobretudo por uma mulher, uma simples pastora, mais valente do que jamais um homem de Roma o foi. Para Deus nada é difícil de fazer.
Quant à Dieu, c'est chose légère ;	

Como falamos anteriormente, optamos por traduzir o poema de Christine de Pizan em prosa, isso implica em sermos fieis ao estilo escolhido. A escrita em prosa possui marcas textuais que difere de um texto escrito em versos. Uma característica marcante nas obras de Christine de Pizan é a presença de sua voz. Christine de Pizan se coloca, questiona, aconselha e tece comentários a cerca do assunto tratado por ela. Em *Le Ditié de Jehanne d'Arc* não é diferente. A autora ao longo do poema expõe sua opinião e tece várias críticas, como veremos a seguir:

QUADRO 6

Marcas textuais que caracterizam a voz da autora

Francês	Tradução em português
1 [...] Que Charles (c'est estrange chose !), Le filz du roy, se dire l'ose, S'en fouy de Paris, de tire, Par la traïson là enclose : Ore à prime me prens à rire.	1 [...] desde que Charles (que coisa estranha) o filho do rei — se ousou dizê-lo — fugiu esperançoso de Paris, eu que me encontro enclausurada por causa dessas traições, agora começo a sorrir;
3 [...] Que on [n'] avoit veu du droit œil Puis longtemps ; dont plusieurs en deuil	3 [...] há muito tempo e que foi responsável pelo desespero de muita gente — inclusive o meu — mas não me aflijo de mais nada, pois

Orent vesqui. J'en suis de ceulx ;	agora vejo o que desejo.
Mais plus de rien je ne me deuil,	
Quant ores voy [ce] que je veulx.	
4	4
[...]et la très belle	[...] A bela estação que é a primavera, estação
Saison, que printemps on appelle,	que tanto desejei, onde todas as coisas se
La Dieu merci , qu'ay désirée,	renovam — obrigada meu Deus —,
Où toute rien se renouvelle	transformou a esterilidade do inverno em
Et est du sec au vert temps née.	verde.

Em alguns versos podemos encontrar registros textuais em forma de parênteses que representam os momentos em que a autora interrompe a narração para comentar algo, em nossa tradução decidimos manter essas marcas tal qual a edição francesa, mas nos momentos em que essas interrupções não são aparentes nos versos, decidimos fazer uso de travessões. Escolhas tomadas também pela tradutora Margaret Switten na tradução em francês moderno.

Ao optarmos em traduzir o poema em prosa, mantivemos na medida do possível, a poesia contida na obra. Em algumas estrofes em que aparecem *enjambement*, procuramos mantê-lo em nossa tradução, como podemos ver nas estrofes 29 e 30:

QUADRO 7

A ausência de *enjambement* na tradução em língua portuguesa

Francês	Tradução em português
29	29
Par miracle fut envoyée	Por milagre e comando divino, ela foi
Et divine amonition	conduzida ao rei pelo anjo de Deus a fim de
De l'ange de Dieu convoiée	ajuda-lo. Sua ação não é ilusão, pois ela foi
Au roy, pour sa provision.	colocada à prova pelo conselho. Conclusão: o
Son fait n'est pas illusion,	fato é comprovado,
Car bien a esté esprouvée	
Par conseil, en conclusion :	
A l'effect la chose est prouvée ;	
30	30

Et bien esté examinée.	e ela foi examinada antes de acreditarem nela,
Er ains que l'en l'ait voulu croire,	colocada perante clérigos e sábios para saber
Devant clers et sages menée,	se ela dizia a verdade, antes que viesse a
Pour ensercher se chose voire	público que Deus a tinha enviado ao rei.
Disoit, ainçois qu'il fust notoire	Encontraram nos livros de história que ela
Que Dieu l'eust vers le roy tramise ;	estava destinada a realizar esta missão;
Mais on a trouvé en histoire	
Qu'à ce faire elle estoit commise.	

Contudo, há momentos em que no poema em francês arcaico não há necessidade de um *enjambement*, mas ao fazer a tradução foi necessário colocar, como podemos ver nas estrofes 13 e 14:

QUADRO 8

A presença de *enjambement* na tradução em língua portuguesa

Francês	Tradução em português
13 Et tu, Charles roy des François, Septiesme d'icellui hault nom, Qui si grant guerre as eue ainçois Que bien t'en prensist, se peu non ; Mais Dieu grace, or voiz ton renom ; Hault eslevé par la Pucelle, Que a soubzmis sous ton penon Tes ennemis ; chose est nouvelle.	13 E tu, Charles, rei da França, o sétimo desse nobre nome que outrora foi responsável pela guerra, agora, graças a Deus, vês a tua reputação elevada por causa da <i>Pucelle</i> que submeteu teus inimigos à tua bandeira — algo novo! —,
14 En peu de temps, que l'en cuidoit Que ce feust com chose impossible Que ton pays, qui se perdoit,	14 em pouco tempo, pois eles acreditavam que tu nunca retomarias o teu país, que antes estava perdido e que agora é visivelmente teu,

Reusses jamais : or est visible

Mention, qui que nuisible

T'ait esté, tu l'as recouvré.

C'est par la Pucelle sensible,

Dieu mercy ! qui y a ouvré.

e, independentemente do mal que te

causaram, tu o recuperaste! E tudo isso,

obrigada Deus, graças à competência e aos

esforços da *Pucelle*.

O poema de Christine de Pizan é um poema de exaltação ao sexo feminino em um gênero literário predominantemente masculino, mais que uma obra literária, o poema é um convite para àqueles que gostariam de conhecer a bravura e coragem daquela que é representada como o maior símbolo de patriotismo francês: Joana d’Arc. Queremos com essa tradução, apresentar ao público brasileiro uma obra que foi escrita no calor da batalha, contribuindo para as pesquisas daqueles que almejam estudar esse período da Idade Média, a Guerra dos Cem Anos.

5 CONCLUSÃO

Para nos aprofundarmos em nossas conclusões, é necessário voltar a alguns questionamentos que impulsionaram a realização desse trabalho. Onde estão as obras escritas por mulheres durante a Idade Média? O que aconteceu com essas vozes femininas? O que pode ser feito para reverter essa realidade dentro dos Estudos Medievais? Ao longo do nosso trabalho conseguimos encontrar algumas respostas para essas perguntas. Em nosso segundo capítulo vimos como a sociedade medieval tinha uma estrutura social centrada na figura masculina, ou seja, cabendo ao homem as decisões dessa sociedade, inclusive, a tutela de suas mulheres. Somente eles podiam ser os herdeiros, estudar em universidades e exercer cargos de liderança, mesmo no sei familiar. O Patriarcalismo era também defendido pela Igreja, instituição de grande poder e influência nessa sociedade. Apesar desse contexto de perseguição ao sexo feminino podemos encontrar mulheres que subverteram a sociedade em que viveram e ascenderam em suas respectivas atividades, como por exemplo, existiram várias mulheres que conseguiram ser reconhecidas através de suas obras. Christine de Pizan não só teve reconhecimento de suas obras como fez de seu talento o seu trabalho.

Após contextualizarmos a Idade Média da autora, buscamos entender as bases históricas que motivaram a Guerra dos Cem Anos, momento histórico narrado na obra de Christine de Pizan. Vimos suas motivações e seu término. Acreditamos que fazer uma contextualização histórica da Idade Média e da Guerra dos Cem Anos se fez necessário para podermos entender a vida e as obras de Christine de Pizan bem como os motivos que fizeram Joana d'Arc participar de uma guerra. Também vimos nesse capítulo como a jovem Joana d'Arc subverteu todos os papéis sociais designados ao seu sexo. Ela trajou roupas masculinas, empunhou uma espada, liderou um exército e ainda afirmou que Deus tinha a escolhido, para livrar o povo francês do poder inglês. Depois nos detemos em como as ações de Joana d'Arc culminaram em um processo organizado pela Igreja partidária da coroa inglesa e como esse processo a levou à morte em praça pública. Em seguida, procuramos apresentar a trajetória de vida da autora desse trabalho. Ao estudarmos suas obras e trabalhos a cerca de suas obras, vimos que Christine de Pizan era uma intelectual respeitada em vida, nos deixando um legado literário. Ela protagonizou a *Querelle des femmes*, foi a primeira mulher no Ocidente a ter como profissão seus escritos e exaltou uma mulher em um gênero literário predominantemente masculino, o poema épico.

No terceiro capítulo, procuramos responder a algumas de nossas perguntas. O capítulo está dividido em dois momentos. Antes de abordarmos os diferentes estilos de obras produzidos por mulheres, foi necessário entender como é a nossa história literária e como ela foi responsável por negligenciar os estudos a cerca da produção feminina ao longo do século. Vimos como a história literária é masculina e branca, colocando em seu cânone livros escritos majoritariamente por homens, cis e brancos. Graças aos trabalhos vinculados aos Estudos de Gênero e aos Estudos Feministas fomos apresentamos a uma diversidade de textos produzidos por mulheres, como os livros escritos por Hildegard de Bingen, Mechthild de Magdebourg, Marguerite Porete, Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Ann Radcliffe e Mary Shelley. Quando nos perguntamos o que aconteceu com essas vozes, ou o porquê dessas autoras não serem encontradas com facilidade em antologias ou nos estudos literários é, consequentemente, discutir o cânone. O conceito de cânone está diretamente ligado às relações de poder subjacentes a ele. A história literária é patriarcal, os Estudos Literários são majoritariamente voltados para as produções masculinas, logo, as obras escolhidas como as melhores obras serão àquelas que se adequam a esse perfil. Não é por acaso que existem poucas escritoras ou escritores negros dentro da lista de obras canônicas atuais. Felizmente, e graças ao empenho de pesquisadores voltados para os Estudos de Gênero e Estudos Feministas, como dito anteriormente, essa realidade começa a se transformar.

Na segunda parte deste capítulo vimos que um dos motivos para que se tenha poucos trabalhos voltados para a produção feminina na Idade Média, sobretudo no Brasil, se deu pela pouca quantidade de obras traduzidas. Como apresentado anteriormente, apenas dez traduções de obras escritas por mulheres durante toda a Idade Média foram traduzidas para a língua portuguesa. Christine de Pizan nos deixou quarenta e nove obras, mas apenas duas tiveram tradução para a língua portuguesa. É um número extremamente pequeno de traduções em detrimento da extensa produção deixada pela escritora. Apesar do número de traduções serem baixos seus resultados foram bem satisfatórios, pudemos perceber que graças às traduções realizadas por Luciana Calado Deplagne, Ana Nereu e Maria de Lourdes impulsionaram artigos, teses, dissertações, Grupos de Estudos e colóquios em memória de Christine de Pizan. Essas traduções contribuíram significativamente para os Estudos de Gênero, Estudos Medievais e Estudos Literários, como visto no quadro 2 desse trabalho. Quando nos questionamos, no início de nossa pesquisa sobre o que poderia ser feito para resgatar as obras escritas por mulheres e inseri-las dentro da crítica literária, chegamos a conclusão de que a tradução para as línguas modernas dessas obras contribuiu para o fomento dessas pesquisas.

Acreditando que os Estudos da Tradução em parceria com os Estudos de Gênero podem resgatar e alavancar as pesquisas sobre as obras escritas por mulheres, nos propomos a fazer uma tradução para a língua portuguesa da última obra de Christine de Pizan. Em nosso quarto capítulo tratamos da estrutura do poema *Le Ditié de Jehanne d'Arc* e defendemos a sua epicidade. Em seguida apresentamos a nossa tradução do poema bem como nossas justificativas tradutórias. Decidimos fazer uma tradução que priorizasse os aspectos culturais contidos no poema, queremos trazer, na medida do possível, a escrita de Christine de Pizan para o leitor brasileiro. Nos apoiamos no conceito de Itens Culturais-Específicos (ICEs) trazidos por Javier Franco Aixelá, por exemplo, fazendo uso de informações extratextuais ou mantendo a escrita da língua fonte dos nomes dos personagens que não tem sua variação consolidada em língua portuguesa.

Muitos manuscritos escritos por mulheres carecem de suas traduções e de suas críticas, é necessário fazer o resgate dessas obras, contribuindo aos poucos para a desconstrução dessa história literária tradicional que por séculos silenciou o discurso feminino.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, Javier Franco. Itens Culturais-Específicos em Tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, ISSN 2176-7904, Florianópolis, v. 5, n. 8, p.185-218, junho, 2013.
- AUERBARCH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- ARISTÓTELES. **A Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. S.l. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de Tradução**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **Le deuxième sexe I. [S.l]: Folio Essais, 2012.**
_____. **Le deuxième sexe II. [S.l]: Folio Essais, 2013.**
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Editora Copiart/PGET-UFSC, 2012.
- BIRCHAL, Hennio Morgan. **Os Lusíadas**. Edição antológica, comentada e comparada com *Ilíada*, *Odisseia* e *Eneida*. Prefácio de Hermâni Cidade. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Tradução de Emanuel Lourenço Goldinho. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BLOOM, Harold. **O cânone Ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1995.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão (SC): Copiart, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BROCHADO, Cláudia. Mulheres escritoras e a construção de uma outra genealogia: Isabel de Villena, escritora ibéria do século XV. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: ANPUH-SP, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308186236_ARQUIVO_Anpuh2011textocompletorevisadoemjunhoenviadox2.pdf>. Acesso em 5 jun. 2016.
- BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BURKE, Peter (Org.). **A reescrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- CALADO, Alder Júlio Ferreira. O movimento das beguinhas: interfaces e ressonâncias em experiências sócio-religiosas femininas do presente. In: DEPLAGNE, Luciana Eleonora de F. Calado; POSSEBON, Fabrício (Org.). **ANais / II Seminário de Estudos Medievais da Paraíba - Sábias, Guerreiras e místicas: Homenagem aos 600 anos de Joana D'arc**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 47-58.
- CASANOVA, Pascale. **República mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. Boitempo: São Paulo, 2003.

CONTAMINE, Philippe. **La guerre de cents ans**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

COSTA, Andréa Moraes da. Patronagem: Um diálogo entre os estudos de tradução e os estudos culturais. In: **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

COSTA, Jean Henrique. Os estudos culturais em debate: um convite às obras de Richard Hoggart, Raymond Williams & E. P. Thompson. **Revista Acta Scientiarum**. v. 34, n. 2, p. 159-168, 2012.

CRISTÓFOL Y SEL, Maria Cruz. Canon e censura en los estudios de traducción literaria: algunos conceptos y pautas metodológicas para la investigación. **Revista de traductología**, n. 12, p. 189-210, 2008.

D'AUVERGNE, Martial. **Les vigiles de Charles VII**. Manuscritos, 266 f. Biblioteca Nacional de Paris, Departamento de manuscritos, Français 5054. Paris: [s.n], 1475-1500.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. **A cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan**. 2006. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco.

_____. Gênero em desafio: das *Trobairitz* provençais às repentistas nordestinas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 35, p. 193-205, 2010.

_____. Tradução de textos medievais de autoria feminina: ponte necessária para repensar a idade média. In: DEPLAGNE, Luciana E. F. C; DANTAS, Marta P.; XAVIER, Wiebke R. De A. **Tradução e transferências culturais**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2013.

_____. Palavras em ato: A Literatura de autoria feminina na Idade Média. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO – REDOR, 17., 2012, João Pessoa, **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/405>>. Acesso em 03 ago. 2014.

DESAIVE, Jean-Paule. As ambiguidades do discurso literário. PERROT, Michelle et al. (Org.). In: **História das mulheres no Ocidente III**. Porto: Edição Afrontamento, 1998. p. 301-315.

DUBY, Georges. **Mâle Moyen Age**: de l'amour et autres essais. S.l, Flammarion, 1988.

DUBY, Georges; DUBY, Andrée. **Les procès de Jeanne d'Arc**. Collection Histoire. Paris, Gallimard; Julliard, 1973.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. A Contribuição do olhar feminista. **Revista Intexto**, UFRGS, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-11, 1998.

_____. **Cartografias dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana**. ed. on-line. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FLOTOW, Luise von. Traduzindo mulheres: de histórias re-traduições recentes à tradução “*Queerizante*” e outros novos desenvolvimentos significativos. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patrícia (Org.). **Tradução e relações de poder**. Tubarão (SC): Copiart, 2013, p. 169-192.

FORCADES I VILA, Teresa. **La teología feminista en la historia**. Barcelona: Fragmenta Editorial, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. 2º ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GINZBURG, Jaime. Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 97-111, 2004.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 11, n. 02, 2009.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. 2008. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo; co-tutela com Université Sorbonne-Paris IV).

LEMAIRE, Ria. Repensar um percurso na ocasião de um aniversário... **Revista Cerrados**. Brasília, v. 20, n. 31, p. 45-62, 2011.

LOURENÇO, Lucília Teodora Villela de Leitegeb. Os estudos culturais e o estudo sobre a tradução de *The bluest eye*, de Toni Morrison. **Anais...** III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL. Dourados, 2007.

MACEDO, PIZAN, Christine de. *L'epistre au dieu d'Amours*. Trecho traduzido por José Rivair Macedo In: **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARILLIER, Bernard. **Le cerf: symboles, mythes, traditions, héraldique**. Maine-et-Loire: Cheminements, 2007.

MARTINO, Giulio de. BRUZZESE, Marina. **Las filósofas. Mujeres protagonistas en la historia del pensamiento**. Tradução de Mónica Poole. Madri: Cátedra, 1994.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

NETO, Eugênio Facchini. Code civil francês: Gênese e difusão de um modelo. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, ano 50, n. 198, p. 59-88, 2013.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão. **Revista Mirabilia**, v. 17, n. 2, p.153-173, 2013.

ORGADO, Gisele Tyba Mayrink Redondo. Dicotomias tradutórias e a perspectiva intercultural. **Revista Trama**, v. 5, n. 9, p. 11-25, 2009.

PASCHOAL, Stéfano. BARRETO, Ruy. Estudos da Tradução – Uma breve reflexão sobre o universo da tradução literária segundo a obra *Translation / History / Culture*, de Lefevere e Bassnett. **Revista Trama**, v. 5, n. 9, p. 119-132, 2009.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

PIZAN, Christine de. **Livre de la cité des dames**. Manuscrito. Biblioteca Nacional da França, Departamento de manuscritos, Français 1178. [S.l.]: [s.n.], 1401-1500. Disponível em: < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8448971t/f13.item.r=>>. Acesso em: 9 jun 2016.

_____. **Jeanne d'Arc: chronique rimée par Christine de Pizan**. éd. Henri Herluison. Orléans: Henri Herluison, 1865. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k72586t>>. Acesso em: 9 jun 2016.

_____. **A Cidade das Damas**. Tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres. 2012.

_____. **L'Épistre au Dieu d'Amours**. Paris: Maurice Roy, 1896. Disponível em: <<https://archive.org/details/oeuvrespotiqu03chri>>. Acesso em 01 nov. 2013.

PROCESSUS justificationis Johannaë de Arco. Manuscrito, 180 f. Biblioteca Nacional da França, Departamento de manuscritos, Latin 17013. [Paris]: [s.n.], 1456-1548. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8593564c/f5.item.r=Le%20procès%20de%20Jeanne-d'Arc>>. Acesso em: 9 jun 2016.

RAMALHO, C. B. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle (Org.). **Voix de femmes au moyen âge: savoir, mystique, poésie, amour, sorcellerie**. XII^e – XV^e siècle. Paris: Robert Laffont, 2006.

REIS, Dennys. A tradução de obras francesas no Brasil. **Revista Belas Infiéis**, v. 1, n. 1, p. 253-257, 2012.

REIS, Roberto. Canon. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

ROUGEMONT, Denis. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1998.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. Identidade, alteridade e problemas de tradução transcultural na diáspora africana. **Anais...** XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e III Seminário Internacional Mulher e Literatura, UESC, 2007. Disponível em: <<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/mesas.html>>. Acesso em 15 maio 2015.

_____. Tradução e Estudos Culturais. **Revista Philologus**, ano 11, n. 32, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.

_____. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). **A reescrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-96.

SILVA, Edlene Oliveira Silva. As filhas de Eva: Religião e relações de gênero na justiça medieval portuguesa. **Rev. Estud. Fem, Florianópolis**, vol. 19, n. 1, 2011.

SPINA, Segismundo. **Apresentação da Lírica Trovadoresca**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

SWITTEN, Margaret. Le ditié de Jehanne d'Arc. In: RÉGNIER-BOHLER, Danielle (Org.). **Voix de femmes au moyen âge: savoir, mystique, poésie, amour, sorcellerie**. XII^e – XV^e siècle. Paris: Robert Laffont, 2006.

TELLES, Norma. **Autora+a**. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.

TROCH, Lieve. Mística feminina na idade média. Historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 15, p. 1-12, 2013.

VALENTE, Marcela Iochem Valente. Tradução: Mais que um processo entre línguas, uma ponte para transmissão de capital cultural. **Revista Raídos**, Dourados, v. 4, n. 7, 2010.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. São Paulo: Escala, 2009

WUENSCH, Ana Míriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar? **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 15, 2013.

